PARAMARTAGOUROU

Á LENDA INDIANA

PARAMARTAGOUROU

OU O

BRAHMANE LÔRPA

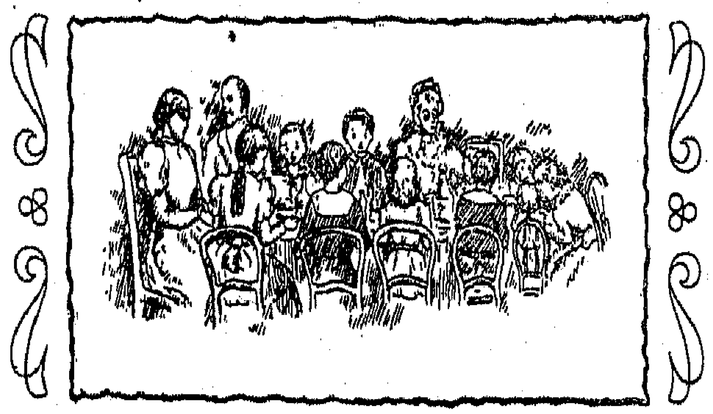
POR

ANTOINE DU LYS

LISBOA

TYPOGRAPHIA MISSIONARIA

3 - Rua do Patrocinio - 3



Á guisa de prologo...

Ha bons vinte annos que deixei a nossa deliciosa Bretanha pela India esphyngica e mysteriosa, onde o calor é sem comparação alguma mais forte e intenso que nas nossas charnecas.

Na velha Armorica, os contos e historias são, nos serões longos de inverno, o encanto do lar domestico. Na India não é assim. Atravessei uma infinidade de vezes, em somnolento carro puxado a bois, estas aldeias pagãs, que contam uma população assaz larga e numerosa. Nesses passeios depara-

vam-se-me por vezes, debaixo dos terraços baixos, quasi ao nivel das estradas, bellos grupos de seis, oito, dez indios, que, sentados, de pernas cruzadas, em todas as posições imaginaveis, a fronte aureolada de signaes diabolicos, a pequena faixa de musselina a voar-lhes esquiva, quasi davam a ideia de seres phantasticos.

A scena era allumiada por candeias cheias de fumo ou por archotes de resina.

Dos homens, uns tinham na mão esses longos livros chamados *d'ollet*, folhas de palmeira onde se escreve com um ponteiro; são todas furadas numa das extremidades e ahi as ligam ou cosem; para lê-las, voltam-as como sobre um eixo, e é assim que os letrados estudam nas reuniões nocturnas. Outros, então, deitavam numa folha de betel um bocado de cal, de tabaco e pó de arroz fermentado, mascando com delicia aquella estranha mistella. Alguns fumavam discretamente. Emfim, outros, indolente e descuidosamente estendidos, com a mão apoi-

ada nas columnas que sustentam o telhado, contavam ou ouviam contar uma das seguintes historias, que o leitor com certeza ha de gostar de ouvir.

PARAMARTAGOUROU

ou o Brahmane Lôrpa

I.

O rio cruel.

ERA uma vez — é ocioso notar que os contos tamues começam, como os nossos, por esta phrase classica, — era uma vez, ia eu dizendo, um Brahmane chamado Paramartagourou, nome que, a dar credito ás pessoas atiladas e que se présam, significa lôrpa. Vestia linho da côr de acafrão extreme, como para pregoar ao orbe todo que, além de grande contemplativo, s. ex.ª era um fervoroso penitente. A grande fama que aureolava este Paramarta, tinha attrahido á sua escola e companhia alguns discipulos, que em talento e mais partes se podiam bater com o mestre.

O primeiro a matricular-se foi um magricellas, alto que parecia um pinheiro. Este distinguia-se de toda a gente — de toda! — pelo bello collar que lhe abrilhantava o pescoço. Este collar tinha uma historia — e interessante que ella era! — Lembrava, nem mais nem menos, um voto solemne que em tempos havia feito, e consistia no seguinte: s. ex.ª devia ir a um pagode, não como vão todos, mas como só vão os grandes homens. Primeiro deitar-se-hia a todo o comprimento da sua rica pessoa; isto feito, levantava-se, para andar até ao ponto onde poisara sua santa cabeça; alli chegado, repetia a operação, e assim successivas vezes, não avançando nunca mais espaço que o do seu corpo. — Esta celebridade dava pelo chamadoiro de *Matti* ou *doido*.

O segundo cliente, perdão, o segundo discipulo, atarracado, baixote, dando a ideia de um bombo, dava o seu beicinho pelos bons petiscos, e era para todo o mundo o sr. *Madeyne*, ou, por outra, o sr. *idiota*. Outro discipulo, então, estava sempre de bocca aberta, e esse foi baptisado com o rabo-leva de *Pedeyi*, que é como quem diz *palerma* ou *bocca-aberta*. Emfim o quarto, que era curto de intelligencia, mas em compensação falava pelos cotovelos, e martyrisava o seu proximo com perguntas ensarilhadas umas nas outras,

herdou o glorioso titulo de *Miletchen*, ou seja, *parvajola*. Completava o grupo um quinto personagem, agigantado, espesso de corpo como de intelligencia; era Moudene, o *inepto*.

É de conjecturar que com sociedade tão amavel Paramarta nadasse num mar de rosas e consolações; os que estavam sob a sua direcção, graças aos assisados conselhos d'estes cinco favoritos, deviam fazer grandes progressos no saber e na virtude.

E justamente por isso, Paramarta nunca por nunca se separava d'estes cinco conselheiros. Era de vê-los, quando iam lavar as suas ricas faxas, especie de aventaes de penitente. Chegados a uma corrente de agua, tiravam e lavavam metade da faxa, tendo-a ainda no corpo; lavada a primeira metade, enterravam-se na agua e lavavam a parte ainda suja; feita esta operação com toda a etiqueta, faxa de novo cingida ao corpo, molhasse que não molhasse, e lá se iam embora — era meia duzia de homens! — e cada qual segurava a cauda da faxa de seu vizinho, toda desdobrada, fazendo d'esta manobra, graças á marcha por vento e sol, um excellente sequeiro.

Não me disseram se Paramarta chegou a pedir patente de invenção; mas se o leitor o visse

chegar d'essas jornadas com o seu *idiota,* com o seu *parvajola,* com o seu *inepto,* com o seu *doido* e com o seu *bocca-aberta,* e collocar-se todos em linha com o seu vestido ligeiro a drapejar ao vento, estou em crêr que lhe haviam de pa-

recer, sobretudo se fosse de noite, outros tantos demonios brancos e negros.

Numa das suas excursões, ahi por volta do meio-dia, Paramarta achou-se em frente d'um d'esses grandes rios da India, que ora correm tranquillos, ora, por occasião das chuvas, devassam e vencem as barreiras, inundando lastimosamente os terrenos adjacentes. Paramarta pára, e põe-se a contemplar as ondas ameaçadoras, parecendo pela admiração que se lhe notava, que

nunca vira coisa similhante. Neste caso as ondas não tinham abandonado o leito, mas apenas iam mais volumosas e engrossadas com as chuvas de trovoada que cahiram.

O Brahmane lôrpa coçou a cabeça com ar de quem está em maus lençoes, e exhalou do fundo do peito um « ui! » significativo, que queria dizer: « Não me falta medo! » Os cinco acolythos, como se os impellisse occulta mola, com um accento de voz que revelava seu caracter especial, repetiam: « ui! ui! » e depois, alongando a cabeça, pondo os ouvidos em posição de sentido, entraram a tomar alturas, para ver em que sitio se podia mais a salvo passar.

Nisto *Parvajola,* já mette o pé á agua para atravessar, e fazia-o com certeza, se Paramarta, assumindo uma attitude importante e ar imperativo, e elevando o braço heroico, não o contivesse com um gesto: « Irmãos, disse elle, este rio é muito conhecido na historia. Foi sempre cruel, e pelo amor que vos tenho, não quero que vos exponhaes a ser victima dos seus perversos instinctos ».

A chronica diz mui singelamente que o Brahmane se interessava muito pela pelle dos seus discipulos, mas ainda mais pela sua.

Seja como fôr, elle continuou: « Mas como todo

o ser creado, este rio deve ter seu tempo para dormir e seu tempo para trabalhar; quando accorda, não sejamos tolos que vamos atravessá-lo; quando dormir, então podemos atravessar, mas de mansinho, para não o despertar do seu sonho e assim não nos succederá nenhum incidente desagradavel ».

Os cinco discipulos de Paramarta tinham-o tido sempre na conta de um verdadeiro genio; mas d'esta vez chegaram a crêr que era uma verdadeira incarnação de Brahma.

« E como faremos, perguntou Parvajola, para saber se o rio dorme? ».

Paramarta coçou outra vez a cabeça: e os discipulos fizeram logo o mesmo, como quem procura uma ideia.

Miletchen foi o primeiro que teve a palavra, e falou tão sensatamente, que ninguem se atreveu a reclamar ou protestar.

« Vêde, disse elle, este tição com que accendo o meu cigarro; se o chegamos á pelle, gritamos logo, porque o fogo queima. Portanto, se eu tratar assim o rio, e se elle accorda, claro que se põe a gritar ».

« Oh! Oh! disseram ao mesmo tempo Paramarta e os outros quatro em signal de admiração: como foste tu o primeiro que tiveste esta

ideia, anda lá adiante, que nós iremos atraz de ti ».

Os seis, a passo de lêsma, descem a ribanceira, a um de fundo, em rigoroso silencio, não fosse o demonio do rio accordar.

O maluco mette um pé na areia humida e mergulha na corrente o tição accêso. Mal lhe chegou humidade, o tição apagou-se fazendo ouvir o fremito que produz sobre o fogo a agua que vem apagá-lo. Além d'isso, o fumo elevou-se na atmosphera.

Tanto bastou para que Miletchen, aterrado, se virasse para Paramarta, e correndo, cambaleando, cahindo por cima dos outros, lhe dissesse: « *Aya* (senhor) não é occasião, agora, de passar este rio; apenas o fogo d'este tição accêso tocou no rio, logo a agua bufou como uma vibora; de raivosa até deitou fumo. Ao vê-la assim zangada, puz-me branco que nem a cêra, perdi os sentidos, e nem sei como fiquei vivo nem como escapei á sua crueldade; sem duvida é um milagre, de que sou devedor á sciencia e ás virtudes de meu mestre Paramarta ».

Paramarta e seus discipulos tinham feito como Miletchen, e ganhado a margem. *Gourou* (o mestre) deixando-se cahir sobre os calcanhares, exclamou: « Eu não me opponho á vontade dos

deuses; o tempo é d'elles, não tenhamos pois medo de o perder; e sem teimar mais, esperaremos aqui muito socegados que isto acalme ».

Então os cinco discipulos trataram de arranjar sombra, e descortinando um como oasis, onde as aguas do rio com sua frescura tinham feito desabotoar bellas arvores e roseiras, assentaram-se, e cada qual começou a philosophar sobre o rio, e maldade com que alli os detinha.

Todos apontavam provas aterradoras dos maus figados do seu inimigo; o *Doido* declarou que aquelle rio já no tempo de seu avô era afamado pelo seu ruim e damnado caracter. « Os meus antepassados eram ricos, assegurou elle com emphase; meu avô tinha de seu uma casa, jumentos, bois, uma mulher carregada de perolas e muitas outras riquezas mais. Um dia que elle ia com dois jumentos carregados de saccos de sal, seu companheiro e elle marchavam entre os dois animaes que guiavam; o rio parecia socegado, e então elles, julgando que era um dos seus dias de bom humor e boa sorte, sem nada temer, metteram-se na agua, que os cobria até á cinta. Chegando ao meio, como era de verão, e o calor apertava, tomaram banho para descansar, e como o seu coração era caritativo, lavaram tambem os dois jumentos que escoltavam.

« Ao abordar á outra margem, sua admiração correu parelhas com sua dôr; os saccos de sal estavam optimamente cosidos; ninguem os abrira antes de atravessar o rio, nem nas aguas; entretanto, quem havia de dizê-lo? Ah! não me accuseis de mentiroso! o sal que fica tão caro, que tanto custa a tirar do mar, o sal tinha sido roubado pelo ladrão do rio; não restava nem sequer uma pedra para amostra! Quando elles perceberam que estavam despejados e vazios os saccos que seus jumentos carregavam, com uma das mãos examinaram as costuras, e com a outra arrancaram aos pobres dos jumentos os pêllos das ancas e quadris com receio de que o sal se escondesse alli; para dissipar toda a duvida, fôram-se a uma arvore vizinha, e tiraram d'ella um comprido galho, com que conseguiram fazer estalar a costura: e tudo isto em vão para verificar melhor a extensão da sua desgraça, o rio tinha roubado o valor, não havia nem sombra de sal. E pensando que o seu delicioso banho custara tão caro, começaram a dar á lingua sentados sobre os calcanhares, mas não lhes veio logo uma ideia sensata. O rio roubou o sal, é verdade, mas nós somos grandes privilegiados, não nos comeu! Isto dito, o *Doido* deixou a palavra a outro, e

Pedeyi conta por seu turno: « Tu não me ensinas nada de novo, meu irmão; as fraudes, os expedientes, as artimanhas d'este rio, alcançaram-lhe uma fama desastrosa e nefasta. A tua historia é velha, a minha é recentissima. Trata-se de um cão que havia catrafilado num açougue o mais bello dos quartos de um carneiro. Quando o marchante virava as costas, o cão salta, agarra-se ao quarto e foge, tratando de collocar entre si e o marchante o mesmo rio de que elle por certo conhecia a má fama já muito espalhada, para assim evitar que aquelle fosse no seu encalço.

« O cão todo altivo entra não longe d'aqui nas aguas do rio. Sabeis o que o nosso inimigo imaginou? Mostrou na agua, a este cão criminoso, eu o confesso, um outro cão, tendo egualmente um soberbo quarto de carneiro. O cão gatuno, illudido, olha, e afigura-se-lhe que o cão, que vê na corrente, tem ainda um petisco mais delicioso que o seu. E pensando que era melhor ter dois quartos, que ter um só, deixa por algum tempo o que tinha entre os dentes, arremessa-se ao mais bello, mergulha para o apanhar, não apanha nada, e quando volta para pegar de novo na sua primeira prêsa, viu-lhe o sitio.

« Entrou na povoação, procurou o marchante

e disse-lhe que não lhe batesse, porque o rio tinha-se vingado bem d'elle ».

Apenas o nosso *sabio* acabava de falar, avistaram á margem do terrivel rio um cavalleiro, cujo cavallo avançou pela agua antes com prazer, que com medo, agitando-a levemente, como quando o mar está banzeiro.

Os seis exclamaram á uma: « Ha pessoas que são favorecidas dos deuses; vêde este cavallo; tem algum poder occulto que póde contrabalançar o do rio. Se nós fossemos ricos, tambem podiamos comprar um animal assim; o Gourou digno de todos os obsequios punha-se em cima d'elle, e os outros cinco, collo-

cando-se á roda, muito chegadinhos ao cavallo, podiam sem receio atravessar as aguas que nos mettem tanto medo ».

« Brahmane, disseram os cinco discipulos, compra um cavallo e tira-nos do embaraço ».

Paramarta declarou que um negocio de tal importancia requeria mais demorada reffexão. « Mas vêde, disse elle, o sol está a pôr-se; como se aproxima a noite, é tempo de ver se o rio já começa a descansar, e se nós podemos tentar sem risco a travessia de suas ondas. Vamos, levanta-te, Miletchen, e renova segunda vez a tua experiencia ».

Parvajola obedeceu, e para tentar a prova serviu-se do mesmo tição que da primeira vez lhe servira de machina de experiencia. Mettidos por bom espaço de tempo na agua, e depois longas horas conservados fóra della, o seu fogo e o seu fumo eram sempre a mesma coisa.

Como da primeira vez, Miletchen desce a ribanceira, curvado e silencioso, atravessa a margem areienta, e mergulha na agua, que por engano julgavam terrivel e trahidora, o seu pobre pau apagado. Fez a coisa muito de mansinho, e como já não havia fogo, é claro que não se ouviu o estalido e assobio da primeira vez. Voltou com precaução, como tinha ido, mas apenas se viu a al-

guns passos do rio, não foi homem de occultar a sua satisfação. Corre, vôa. « Gourou, meus irmãos, exclama, a occasião é unica; mergulhei no rio o mesmo pau que da primeira vez; neste momento Brahma é-nos propicio; o rio dorme a bom dormir. Fechemos a bocca, ergamos de mansinho nossos pés; podemos passar para lá sem medo ».

Apenas Miletchen falou nestes termos, levantaram-se todos como um só homem, mettendo as mãos na bocca para represar a propria respiração; avançam a um de fundo; nem sequer se ouve o barulho de seus pés.

Ei-los na agua; fendem-a tão docemente, que nem se agita. Levantam um pé, poisam-o, e não levantam o outro senão tremendo, a medo, depois de se ter assegurado de que nenhum ruido accordou o seu inimigo. Seus corações batiam apressadamente, a querer estalar dentro do peito: por instantes, perguntavam-se com inquietação se os que os seguiam não teriam sido devorados pelo seu adversario. A olhar para traz porém não se atreviam, porque era expôr-se ao perigo de chamar a attenção. Ei-los finalmente da outra banda. Ainda não olham uns para os outros, e sobem a ribanceira opposta áquella onde tinham descansado. Quando alli chegaram, foi tão subida

sua alegria, como o havia sido antes a angustia e afflicção; começaram a dançar, a dar estalinhos com os dedos, com a lingua; quando de improviso Moudene põe um travão ao seu enthusiasmo.

« Sem duvida passámos, diz elle, e parece que o rio não nos comeu, comtudo seria melhor que nos contassemos, para obter maior certeza. Nós eramos seis; ponde-vos em frente de mim, que eu começo ».

E com seu pau bateu na terra deante de Paramarta e de seus amigos: um, dois, três, quatro, cinco; Moudene esqueceu-se de se contar a si, e não acha a conta certa.

« Ai! ai! que desgraça! — exclamaram todos em côro, só ficamos cinco! Meus amigos, que dôr! Gourou, que desventura! Contae lá vós, a vêr ».

Se Moudene era inepto e tapado, Paramarta era lôrpa; pega num pau, e toca no hombro de cada um dos seus favoritos, indo até ao quinto, mas não toca no seu mesmo hombro e por isso proclama novamente que o rio comera algum.

Dada a decisão do grande Paramarta, tornava-se inutil qualquer outra prova; e visto isso, puzeram-se todos a chorar, a gritar alto, abraçando-se uns aos outros; depois, virando-se para o rio, invectivavam-o com as seguintes eloquentes palavras: « Tu és mais duro que o rochedo: o tigre da floresta é menos cruel que tu. O grande Paramarta que todos honram, diante do qual todas as cabeças se curvam, e de quem todos gostam de ser obedientes servos, deu-te a honra de te atravessar e tu, rio ingrato, tens a audacia de matar um dos seus discipulos. Vil escravo, que coragem foi essa tua? tu és o filho de algum negro rochedo, ou de um perigoso animal selvagem. Permittirá ainda Brahma que continues a existir? Permittirá ainda que continues a carrar tuas frescas ondas, ou fará-te arder e seccar no meio da areia ardente? O nosso desejo era que ficasses coberto de espinhos, ou que o sol te roubasse toda a humidade ».

Acompanhavam estas queixas com o gesto de suas mãos crispadas e revoltadas, com os estalindos de seus dedos electrisados pela raiva. Para cumulo de má sorte, procuraram a victima, e não fôram capazes de dar com ella.

Nisto appareceu alli uma velha magra, com a pelle do rosto a cahir, signal de que noutro tempo tinha sido gorda e bella á moda da sua terra.

« Eh! senhores, perguntou ella, que desgraça foi que lhes aconteceu? ».

E todos lhe explicaram o facto, que trataram

de reconstituir nos seus detalhes; todavia, aquelle, que se encarregava de contar esta tribu de malucos, deixava-se sempre de lado.

A recem-chegada viu logo qual o papel que lhe competia desempenhar.

« Grande Paramarta, disse ella com emphase, aquelle que o rio comeu, tenho eu o poder de o fazer renascer ».

— Oh! oh! exclamou Paramarta, a tua sciencia deve ser grande ».

E alimentando já grata esperança prometteram á velha quarenta e cinco peças de prata.

O leitor deve saber que para os indios não ha nada mais sagrado que a vacca. Todos crêem que Brahma, seu Deus, incarnou numa d'ellas, e é por isso que elles honram a especie inteira. Morrer com a cauda d'uma vacca na mão é o *nec plus ultra* da felicidade, e o mesmo amor e devoção que nós temos á agua-benta, têm-o elles ao estrume das vaccas a que com toda a reverencia dão o nome de *sâni* (1); comprehendeis que para Paramarta e para os seus cinco patetas, o *sâni* era digno da maior devoção.

A velha bem o sabia; e por isso pô-los todos em circulo deante de um bôlo-folhado d'esta materia tão preciosa.

« Gourou, exclama ella, prostra-te por terra com os discipulos, tocae todos com vosso nariz este *sâni* augusto; nós contaremos os buracos, e, por Brahma; eu vos asseguro que acharemos seis, nem mais um, nem menos um ».

Os seis *innocentes*, como se diria na Bretanha, apressam-se a obedecer a esta ordem solemne. Põem-se todos em linha, erguem ao céu olhos

(1) Este preconceito está alli tão arraigado que, tendo certo dia os parias tocado os utensilios domesticos de nosso uso, os nossos indios, pessoas de alta nobreza, não viram outro remedio para a nossa desgraça, que quebrá-los, o que de modo nenhum se compadecia com os apertos da minha bolsa; então propuzeram purificar os utensilios de cosinha assim maculados, mettendo-os num banho salutar, em agua onde se tivessem diluido algumas mancheias de *sâni*. A pobreza desfez hesitações e fez-me abraçar o segundo partido. Metteram tudo no banho, e eu depois tive de tornar a lavar em segredo segunda vez a nossa baixella, que aos olhos dos indios já se tornara digna de ser novamente usada por nós.

O *sâni* deve, ao menos uma vez por semana, cobrir os soalhos de uma casa que se présa; então julgam-se num estabulo

inspirados, e em seguida prostram-se tão profundamente, que os seis narizes mergulham no *sâni* ainda humido.

« Agora levantae-vos, diz a astuta feiticeira; Brahma attendeu-me, vós estaes todos. E se não, é contar ».

Paramarta em pessoa poisou a sua varinha sobre os buracos que os seis narizes tinham cavado no illustre *sâni*, e achou a conta certa, como bem póde imaginar o discreto leitor.

Em arrebatamentos de jubilo, Gourou e seus discipulos proclamaram a velha: sabia, divina, e não sei que mais. Deitaram-lhe na palma da mão, sem recalcitrar, as quarenta e cinco peças que ella tão facilmente tinha ganhado, agradeceram-lhe o favor sem egual que lhes tinha feito, e auguraram-lhe todas as prosperidades que sua honestidade merecia; e impando de satisfação,

---

Lembro-me de que uma vez, pouco depois de chegar á India, achando-me a escrever muito socegado, fui de repente inundado, como se fôra uma montureira de estrume. Ergui os olhos, e vi um antigo buraco, por onde passava a corda do sino, antes de o relogio ser mudado, como foi, para outra parte. O *sâni* era deitado no primeiro andar; como eu estava no rez-do-chão, e o estrume miraculoso corria em ondas sobre os andares superiores, tinha de receber este baptismo missionario de novo genero.

posto que menos ricos, entraram, sem mais nenhum encontro, no Collegio de Paramarta.

O que se acaba de lêr, é um conto, já se vê; mas todas as particularidades de costumes que nelle surgem, são de uma exactidão flagrante. Quem conhece os indios, como que os vê mover, conversar, andar e descansar.

II.

O ovo da egua.

SEGUNDO me consta, o leitor riu-se a bandeiras despregadas, quando soube que o pobre do Paramarta só achou a conta dos seus discipulos furando com seu nariz o illustre *sâni* dos indios. Como a narração lhe aguçou o appetite e desejo de ouvir mais, de voltar á vacca fria, como se costuma dizer, aqui estou eu com toda a minha boa vontade, para irmos juntos contemplar Paramarta e seus discipulos, depois do regresso, no seu *Madam* (convento).

Recordavam a cada passo a aventura do rio cruel, e confessavam que no caso de desapparecer algum d'elles, não tinham mais que enterrar o nariz na santa materia. Era remedio infallivel segundo elles, mas, confessemo-lo, sobremodo penoso, principalmente para velhos, que curvando assim muito a espinha, correm risco de apanhar uma carga de rheumatismo, que os derreia.

Começaram pois a pensar no modo de obviar a tão terrivel inconveniente, e só acharam um meio, a saber: comprariam um cavallo, que, á similhança do viajante, que viriam a atravessar o rio, lhes permittisse tambem a elles vadeiar os cursos de agua e subir ao cume das mais elevadas montanhas.

Em signal de admiração pela bella ideia expendida, os discipulos começaram a bater com os dedos na bocca e exclamaram: *Pérur Aya* (grande Senhor), é preciso comprar um cavallo!».

« *Meulla, Meulla* (devagar, devagar,) responde o *Gourou*. Antes de comprar o cavallo, é preciso ter dinheiro para o pagar. Quanto julgaes vós que é preciso para me pôr ahi escarranchado em cima de um animal? ».

Os discipulos começaram a apalpar as espaduas e pernas do seu celebre Paramarta, e como achavam mais ossos que carne, acabaram por declarar que, visto seu Mestre ter mais sabedoria do que pês o, podia chegar para as suas necessidades um cavallo lazarento e magriço, não muito alto, numa palavra, um sendeiro.

Fosse como fosse, e porque as vaccas são mais communs nas córtes indianas que os cavallos, disseram a *Gouru* que por menos de 150 ou 100

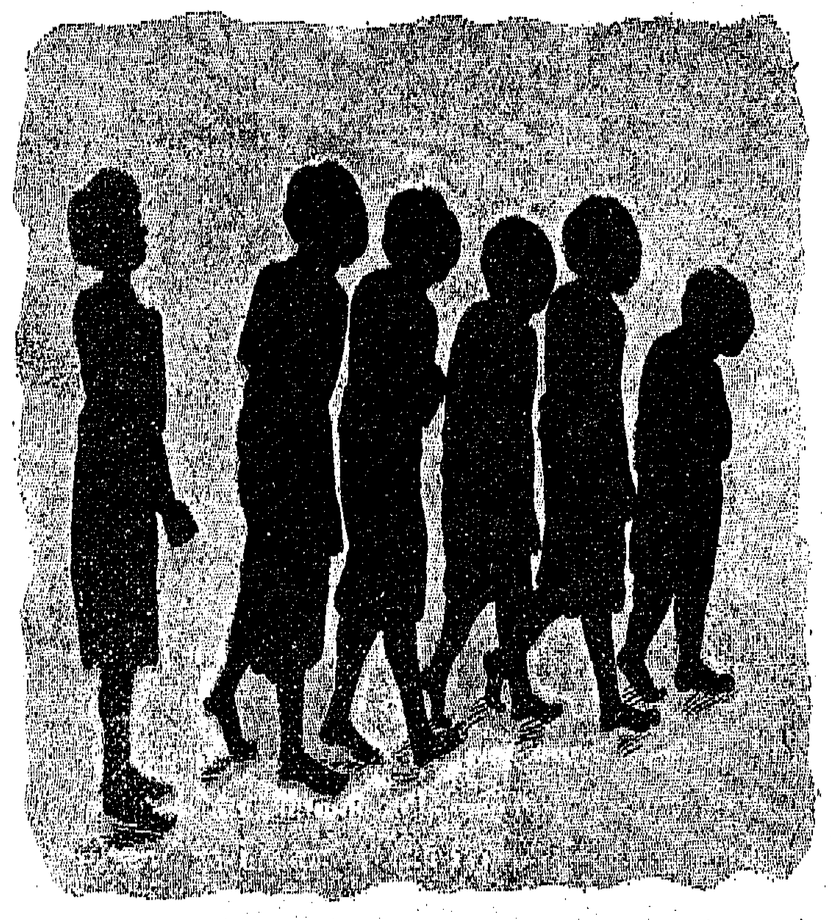
rupias era escusado pensar em ter uma cavalgadura.

Ao ouvir falar em similhante conta, Paramarta exclamou; « *Souami! Souami!* (Senhor), a nossa barriga tem tantas vêzes gritado fome, e eu hei de ir agora só por amor das minhas pernas fazer uma despeza assim? Não é justo; até aqui tenho andado sempre por meu pé; é certo que por honra de meus discipulos não desgostava de viajar a cavallo, mas já que elle custa tanto, andarei sempre a pé como d'antes. E não falemos mais nisso ».

Tinha assumido um aspecto severo e decidido, e por isso os discipulos retiraram-se de cabeça baixa, a um de fundo. Não se renovou a questão da cavalgadura; mas se não apparecia a publico, o pensamento lá estava encaixado na cachimonia dos cinco sabios.

Uma bella tarde, a vacca que dava o leite para o Gourou idolatrado, não voltou ao mosteiro; era já sol posto, e ninguem a ouvia mugir; os discipulos então tomaram o partido de abrir a porta da córte, e começaram a procurá-la por todos os cantos. *Idiota,* que gostava do arroz cozido em termos, e da raiz amarga *(calumba)* a que não faltasse nenhuma das innumeras especiarias e adubos com que deve ser preparada,

percorreu á sua parte três aldeias. É de crêr que parasse de vez em quando, para pedir esmola e de comer; para isso, é natural, preferia sempre as casas abastadas e bem sortidas.



Os discipulos retiraram-se de cabeça baixa, a um de fundo. *(pag. 22).*

Ao terceiro dia, este grandesissimo maluco reappareceu sorridente, jubiloso. Vendo-o assim satisfeito, Paramarta exclamou: « A minha vacca, o meu leite, achaste tudo? ».

Madeyene respondeu-lhe com ar indifferente: « Quanto á vacca, não a tenho; mas consolemo-nos d'esta desgraça, porque em compensação Souami, de que ella era sem duvida mulher (1), proporcionou-me um bello encontro emquanto andava á cata de sua metade. Sim, Gourou, o pensamento de vossas pernas deu-me asas, porque emfim por uma quantia muito reduzida arranjo-vos um cavallo de excellente raça e que, por vós educado, não póde deixar de ser manso e docil quanto se queira ». — Madeyene! exclamou Paramarta, onde tiveste tu tão precioso encontro?

O discipulo respondeu: « Eu procurei a vacca de aldeia em aldeia, de deserto em deserto, de campo em campo, quando ao chegar á margem de uma lagôa, vi a pastar na erva mais bella e mais substanciosa, umas quatro ou cinco eguas, que me fizeram pensar naquelle que para nossos olhos é mais bello que o nenuphar e mais brilhante que as estrellas! Souami! exclamei eu! Como seria bom ter uma d'estas eguas, para o nosso illustre Gourou montar!

Perto das eguas excitavam tambem a minha

(1) Os indios consideram como divindade tudo o que pertence á raça bovina.

cubiça alguns pôldros, que se divertiam ás cabriolas. Mas Brahma não tinha abandonado o seu servo e mais perto das mães da especie cavallar avistei duas gordas massas redondas, esverdeiadas, cuidadosamente occultas, por interesse maternal, debaixo da folhagem. Eram tão redondinhas, tão gordas, tão pesadas, que um homem valente, para trazer uma só que fosse, devia parar umas poucas de vezes e poisar o fardo sobre essas pedras de que a caridade dos devotos enche as nossas estradas (1).

« Que será? — dizia commigo, batendo na testa. Felizmente vi um *eudeyen* (pastor). Aya, disse, fazendo um *salam* (saudação ou cumprimento), se me disserdes que objectos são esses redondos e esverdeiados que estão ao pé das eguas, ser-vos-hei eternamente reconhecido.

« O *eudeyen* fitou-me, admirado. Conheceu de certo pela minha apresentação que era discipulo de algum grande *Gourou* e por isso surprehendeu-o a minha ignorancia ».

(1) Os indios têm um catalogo das virtudes e boas obras que Brahma ha de recompensar, entre outras, abrir caminhos, fazer poços e levantar nas estradas duas pedras altas que sustentem uma terceira, de modo que o viajante possa ahi poisar o seu fardo e descansar á sombra.

Os leitores adivinham que *Idiota,* contando esta aventura, não merecia o seu nome só a meias. Os fructos de que elle com tamanha anciedade se informava, eram nem mais nem menos que aboboras. Mas o pastor, vendo com quem tratava, não resistiu ao desejo que tinha de se divertir e de ganhar algum dinheiro.

Eis porque elle respondeu com a maior seriedade ao discipulo do Brahmane lôrpa, designando-lhe as monstruosas aboboras: « Pois quê, senhor, então não conhecieis ainda uma coisa tão vulgar? Nunca tendes estado ao pé de uma estrebaria? O que vós vêdes perto d'estas eguas e seus pôldros, nascidos o anno passado, tambem procede d'estes animaes; são ovos de eguas.

« A minha bocca abriu-se desmesuradamente, de surprêsa e alegria.

« É lá possivel, senhor? lhe respondi eu. E por quanto se poderá adquirir um d'estes ovos preciosos?

— Não são meus, continuou o pastor; mas posso dizer-vos o preço corrente. Por cincoenta francos tereis um, se o proprietario é pessoa honrada. Eu conheço-o e se quereis que lhe fale em vosso favor, tenho firme esperança de vos alcançar um por esse preço.

« Eu apressei-me a responder-lhe:

« Mui alto senhor, vós sereis abençoado dos deuses, porque a cavalgadura, que sahir d'este ovo, será destinada ao nosso Gourou Paramarta.

« Eu nunca o vi, respondeu o *eudeyen,* sorrindo-se ao ouvir aquelle nome; mas a avaliar do mestre pelo discipulo, não ha ninguem mais digno de receber o objecto que ambicionaes!

« Nem esperei para o saudar segunda vez. Desatei a correr, parece que nem punha os pés em terra, pois tinha pressa de trazer esta noticia a todo o nosso Collegio.

« Não será esta uma occasião unica de se arranjar por pouco dinheiro um cavallo de raça? como nós é que o tratamos, ha de engordar; e como nós é que o educamos, nunca ha de ser má peste. Um cavallo já grande podia ser vicioso, de mau natural, mas um pôldro, a sahir do ovo, e que ainda não viu a luz do dia, esse ha de tomar o modo de andar e cumprir as curvaturas que convêm á gravidade d'um Gourou ».

O discurso de Madeyene excitou transportes de alegria muito similhantes aos que se seguiram á passagem do terrivel rio. Como nesta occorrencia, a angustia seguiu de perto a felicidade. O cerebro de Paramartagourou era sempre o primeiro a conceber os problemas. O seu semblante fez-se serio e os seus discipulos, que já estavam

acostumados a similhantes explosões e zangas, acocoraram-se instinctivamente sobre as esteiras da sala das sessões. De cabeça estendida, puzeram-se á espera de que Paramarta, com elles assentado, abrisse a bocca e lhes communicasse sua preoccupação.

« Sem duvida, disse o Gourou, o ovo será nosso, se dermos os 50 francos que elle deve custar; mas um ovo tem de ser chocado para depois sahir da casca o bicho, e, segundo o que nos diz *Idiota*, esse tal é de um tamanho fóra das medidas. Onde encontraremos nós um animal socegado e de boas intenções, que se preste a chocar um ovo que um homem mal poderia abraçar com seus dois braços? Vinte gallinhas aposto que não eram capazes de o chocar. E depois, estariam socegadas, assim em companhia? Parece-me bem que não, continuou elle, abanando tristemente a cabeça. E por isso não vejo meio nenhum de arranjar a cavalgadura em questão ».

Os dez olhos dos discipulos abriram-se tão grandes como portas de cavallariça, como se diz na nossa França. E quanto mais se dilatavam, tanto mais fechadas ficavam as boccas. O silencio que se seguiu, causava a todos elles inquietação, descontentava-os reciprocamente.

Paramarta foi o primeiro a levantar suas ma-

gras pernas e repenicando-se na sua farpella amarellada, convidou o seu povo a procurar na solidão e no silencio a solução a um enygma tão penoso.

D'ahi a três horas pegou elle mesmo no badalo de madeira que estava perto do tantan de cobre deslumbrante e tocou para uma reunião extraordinaria. Os discipulos acudiram logo, e retomaram a posição anterior para meditar na sua triste sorte. Como antes tinham esbogalhado muito os olhos, tambem agora escancararam descaradamente as boccas e assim ficaram á espera do discurso e decisão de Paramarta.

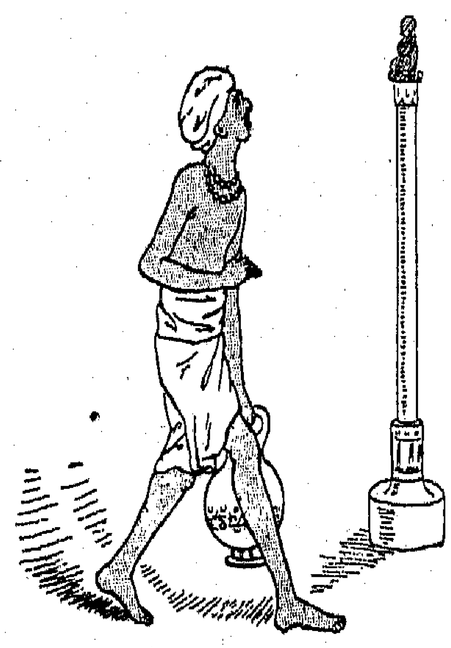
« Pensei maduramente, disse elle com ar de grande seriedade. Não seria uma asneira renunciar a tão bella occasião? Parece-me que sim. Para resolver porém a difficuldade, só vejo um meio, que é pôr-se um de nós a chocar o ovo achado por Madeyene ».

As cinco linguas dos admiradores de Paramarta deram um estalinho em signal de admiração. Entretanto, alguem que soubesse os segredos da tintura da pelle indiana, teria visto subir ás pudibundas faces dos cinco varões o seu pudibundo sangue.

Evidentemente, meditavam desculpas.

O *Doido* falou em primeiro logar: « Bem sabeis

todos que tomaria de boamente á minha conta uma occupação tão penosa; mas vós conheceis a minha devoção e fidelidade ás praticas dos pagodes. Eu é que todos os dias estou de guarda á lagôa sagrada, para d'ella trazer o *tirtam* (agua benta), de que me sirvo para purificar a nossa casa de toda a mancha; eu lavo com ella os nossos deuses-lares. Quando acabo a agua, então penso na lenha. Ajunto o que é preciso para a cozinha e para outros usos domesticos. Mal tenho tempo para comer. Vêde lá se um devoto como eu tem tempo para chocar um ovo de egua? ».



Madeyene interrompeu-o com emphase: « *Doido*, as vossas razões são boas, mas não são melhores que as minhas. Além de que já perdi muito tempo por montes e valles a procurar a vacca de cujo leite o nosso Gourou tanto gostava, tenho, como todos sabeis, o encargo de vos fa-

zer as comidas. Não sómente cozo o *sorou* (arroz) e a erva-amarga para vós, mas tambem para todas as pessoas que aqui recebem hospitalidade, attrahidas pela fama do nosso Gourou e talvez tambem pela minha cozinha. Dia e noite eu aqueço agua, cozo arroz, piso sobre uma pedra a pimenta, o gengibre, o aniz, a mostarda, os pimentões, etc. Eu nem tenho memoria para recordar todos os ingredientes com que preparo os meus guizados. Nunca sirvo menos de três môlhos differentes. Tambem conheceis os meus *palagaram* (especie de pasteis). As especiarias passam-me todas pela mão; quando o illustre Brahmane manda arranjar algum piteu especial, então mal prégo olho, e alli fico ao lume, meio assado e meio morto. De manhã, a mesma maçada. Agora pergunto eu: serei ou poderei neste estado chocar um ovo, ainda mesmo que d'elle tenha de sahir o cavallo mais formoso que Brahma jámais mandou á terra? ».

A phalange de Paramarta era pratica e não tinha vontade nenhuma de se desfazer da cozinha de Madeyne, que trabalhava bem, porque gostava de comer bem.

Pedeyi (o *Bocca-aberta*) sahiu-se com estas explicações:

« Vós conheceis como vivo. Apenas me ergo,

vou á ribeira; esfrego os dentes, limpo a bocca, lavo a cara, os braços, as mãos, os pés, todo o meu corpo; adorno a minha fronte com a pasta de Sandal. Julgaes que depois de tanto trabalho não preciso de comer e de dormir? Ao accordar, aguardo de cabeça fincada nas mãos os acontecimentos do dia. Tomo banho, ouço o que Paramarta diz, cômo, torno a dormir. Onde é que hei de ir buscar tempo para substituir uma mãe chocadeira? ».

Miletchen, interrompendo-o, diz: « Ninguem pensa em vós, sr. *Bocca-aberta;* quem ha de então pensar em mim? Além de que já faço tudo o que Pedeyi faz, tenho de colher no jardim os *pous* (flôres) mais frescos. Separo os aloendros dos jasmins. Depois levo-os para o Convento e pegando em cortiças finas como a sêda, ato duas a duas, a pequena distancia, as minhas odorosas flôres. E assim arranjo grinaldas grandes e flexiveis, com que adorno os deuses domesticos. Em seguida assisto aos sacrificios que Gourou deve fazer muitas vezes por dia. Entre as minhas abluções, as grinaldas e os meus deuses, onde me achareis um momento para chocar? »

Moudene poisou sobre elle a sua impertinente e pesada mão.

« Alto lá! Miletchen! Já provastes que, se a vossa intelligencia vos põe em condições de desempenhar este cargo, não tendes para isso tempo; pelo que me toca, as minhas occupações parecem-me um obstaculo invencivel. Vós é que haveis de ser os juizes.

« Assentado sobre os calcanhares, conservo-me nos sitios onde passam os *Vendy* (carros puchados a bois). Ajunto piedosamente o *sâni* que elles deixam cahir. Misturo-o, mal chego ao Convento, com o *tirtam* que o *Doido* traz. Assim dissolvido, estendo-o bem ao sol. Isto feito, pégo no *mavou* (farinha) mais branco e dissolvendo-o do mesmo modo, traço sobre este encaustico sagrado, ainda fresco, uns desenhos de todo o genero, em que nunca deixo de fazer brilhar os emblemas dos nossos deuses ».

— Ayo! Gourou, disseram então em côro os cinco discipulos, bem vêdes que o pôr-nos de chôco nos impede de cumprir as nossas obrigações ».

Paramarta approvou, nem podia ser d'outro modo, o parecer de pessoas tão auctorisadas e sabias. Soltou um ligeiro suspiro, mas disse com um ar resignado:

« A gallinha deixa de boa vontade o ninho para ir esgaravatar e arranjar pitança: eu cá

posso comer sobre o meu e só sou forçado a deixá-lo quando é mister offerecer sacrificio aos deuses. Fóra d'estas ausencias exigidas pelo nosso culto, posso empregar com o ovo o tempo livre e eu mesmo chocarei. Ponho-o sobre o peito, cobrindo-o com os braços e aquecendo-o com o bafo e com o calor do corpo. Para isso preciso de queimar o corpo com as drogas mais violentas, com alho, gengibre, pimenta, canella, e gomma-amarga. Este regime, esta inacção, hão de me custar, mas para levar a cabo uma empreza tão seria, para chegar a vêr sahir do ovo esse pôldro que a minha imaginação vê já de orelhas arrebitadas e cauda a dar, a dar, ainda faria mais; e sinto-me de antemão compensado de todas as fadigas que tenha a supportar. Madeyene e Moudene ponham-se sem mais demora a caminho. Os braços d'estes dois hão de ajudar muito a *Idiota* para trazer o grande ovo do logar, onde está, até aqui. Vamos pois depressa, meus filhos, não vá o proprietario dispôr da sua preciosa mercadoria, perdendo nós assim o ensejo de ter baratissimo um excellente cavallo ».

Madeyene e Moudene não se fizeram rogados. Chegaram num pulo á lagôa onde *Idiota* tinha visto as eguas, os pôldros e os formosos ovos de côr esverdeiada.

O proprietario parece que estava á espera d'elles; elle e seu compadre tinham farejado alli um negociosito de estalo, e viram logo que o mestre, digno dos discipulos, não havia de deixar de lhes mandar freguezia.

Chegando-se ao que lhes parecia uma grande personagem, mas não passava de um lavrador, Madeyene e Moudene cumprimentaram, tocando a terra com suas duas mãos juntas.

« Senhor, disseram elles, é por causa d'estes ovos. Nosso grande Gourou Paramarta anda a pé, nos queriamos vê-lo a cavallo ».

— Tendes razão, interrompeu o lavrador; mas deveis saber que estes ovos são de uma qualidade superior, que em parte nenhuma os achareis similhantes. Não me pareceis tão ricos, que possaes pagá-los ».

Virou-se um momento para tapar a bocca e encobrir um sorriso que a vista d'aquelles dois typos de pascovice desconcertada e inquieta lhe excitara.

Entrementes, querendo a todo o transe conseguir o seu desiderato, e na convicção de que faziam uma coisa por ahi além, *Idiota* e Moudene disseram com ar triumphante, como de quem não abriga duvidas: « Conhecemo-los e conhecemo-los bem; julgaes talvez que somos

alguns lôrpas? Julgaes que é a primeira vez que compramos ovos d'esta qualidade? Dae-nos um dos maiores por cincoenta francos, e o Brahmane ainda vos dará, além d'esses cincoenta francos, bençãos sem fim ».

A sahida quasi fazia arrebentar o dono de riso. Circumvagava os olhos das aboboras quasi maduras para os dois discipulos do Brahmane lôrpa e começava a pensar a serio se aquelles dois homens quereriam ser papalvos e tolos até ao fim; mas resolveu redobrar de ironia e audacia.

« Cincoenta francos? repetiu elle. Eu podia vendê-lo muito mais caro; mas em attenção aos nossos deuses e á fama do grande Paramarta, e tambem ao vosso ar de franqueza e boa disposição, consinto em dar-vos um por este preço; mas, por favor, não digaes em nenhures que déstes cincoenta francos por esta mercadoria. Isso faria falar os maldizentes e linguareiros, ficando assim prejudicado o meu commercio ».

A lua começava a esclarecer este mercado sem par. O lavrador cortou uma das aboboras maiores, e recebeu em troca, com ar chocarreiro, os cincoenta francos estipulados. Os dois compradores não deram conta d'aquelle risinho de mofa, tanta era a pressa que tinham de se apossar do seu thesoiro, não fosse o dono arrepender-se. Como fazia escuro, andaram um bocado; depois poisaram de mansinho o seu fardo no chão, e deitaram-se a dormir muito socegados; mas durante o seu profundo somno sonharam com cavallos, eguas, pôldros de cuidadas e soberbas crinas.

Ao ser dia, levantaram-se. Moudene, ajudado pelo camarada, poz o precioso objecto á cabeça, usando mil cautelas. Depois, todos satisfeitos, e mortos por chegar a casa, puzeram-se novamente em aragem. *Idiota* ia adeante para mostrar o caminho, e ambos amenisavam a jornada com sentenças celebres apropriadas á conjunctura.

« Nossos paes tiveram razão, disse Moudene: Quem faz penitencia, trabalha para a sua felicidade. Sem as virtudes do nosso Gourou, nunca poderiamos chegar a ter um cavallo que ha de ser magnifico, com certeza. Que o diga eu, que trago o seu ovo para chocar. O meu fardo é pesado, de maneira a inundar-me de fadiga e de consolação.

— Tu és digno do teu mestre, respondeu *Idiota*, porque sabes soffrer por amor do bem. Nossos antepassados tambem tinham razão ao dizer: Que só é proveitosa a pratica da virtude, e que o mais é tudo vaidade! Se não fosse a

condescendencia de Gourou, promptificando-se a chocar elle mesmo o seu futuro corsel, com a paciencia que em tantas occasiões tem revelado, por certo que o céu não nos favorecia tanto.

— Dizes bem, replicou Moudene, porque os nossos adagios tambem dizem: Quem deita á terra boa semente, ha de colher bom trigo.

Caminhando assim e falando alegremente, passaram debaixo de uma arvore espessa cujos ramos abaixados fôram causa de um accidente muito parecido com o pote de Perrette. Na preoccupação de andar depressa e de fazer suas serias reflexões, não deram por tal. *Inepto,* cuja intelligencia não estava mais álerta que seu nome, nem sequer pensou em se abaixar. Os ramos tocam na abobora, e o portador perde o equilibrio, cae para um lado, cae a carga para outro, abrindo-se ao tocar no mattagal. Uma pequena lebre que tinha o seu ninho no logar mesmo do desastre, e que dormia ainda, apesar de já ser dia, accorda de repente e aterrada com o barulho, desata numa correria louca, como lebres costumam em occasiões d'estas.

Para *Idiota* e Moudene a admiração foi mais viva que a dôr.

« Ayo, exclamaram em meio da sua surpreza, ahi está, elle ahi está, o pôldro. Que bello pôldro! Que agil pôldro! Que admiravel pôldro! Mal sáe do ovo, foge-nos logo! Corramos atraz d'elle! ».

E lá fôram de fugida, de valle em valle, pelas florestas, pelos campos, deixando nos espinhos

pedaços de roupa. Os troncos das arvores despedaçavam sua carne, os galhos alanhavam-os e faziam correr seu sangue. O suor cahia em bica, o coração batia apressado e offegante. Anciosos, palpitantes, parecia que suas entranhas quizessem derreter-se. Apesar porém de todo o seu ardor e boa vontade, sempre é illusão dizer que um homem corre como uma lebre. Elles fizeram d'isso uma triste experiencia, pois aca-

baram por cahir prostrados de cansaço, sem poder apanhar nem mesmo avistar aquillo que queriam apanhar e que com toda a facilidade se escondeu longe d'elles em algum mattagal.

Mas como renunciar a um pôldro que, apesar de tão pequeno, e antes mesmo de ter estado no chôco, mostrava tanta viveza e tão boas pernas?

Acabando de descansar, continuaram a ver se o achavam, mas debalde correram montes e valles, chamando pelo saudoso bicho com grande magua d'alma. A pequena lebre entendeu que aquelles convites doces e commovedores, que os echos repetiam, não eram com ella e por isso não appareceu aos dois sabios discipulos de Gourou, que se viram forçados a reconhecer que tinham perdido a pista.

Vendo que não tiravam proveito dos seus esforços, fizeram convergir a attenção para as suas pernas, todas feridas e ensanguentadas. Arrancaram todos os espinhos que nellas se haviam mettido, e coxeiando, gemendo, a morrer de fome, de vergonha e soffrimento, tomaram sob o pêso de incomportavel dôr o caminho do seu Convento. Ao avistá-lo, reuniram toda a energia que ainda lhes restava, para se deitar por terra, bater no peito, gritar, lamentar-se, e dar todos os signaes do desespero.

Ao ouvir seus clamores e gritaria, toca o signal de alarme. Acodem sem detença Paramarta e seus companheiros, que levantam com grande ancia e susto os dois discipulos. Não é para se dizer a sua dôr e compaixão, quando viram que traziam os pés inchados, as pernas a escorrer sangue, e a roupa a cahir aos pedaços. Commovidos e ternos, enxugam as lagrimas das duas victimas, e animam-os a confessar que desgraça lhes tinha acontecido.

Idiota animado e remoçado com taes provas de sympathia, contou em todas as minucias a compra, o somno, a alegria, a queda desastrada e aquelle correr desenfreiado de ambos. Acabada esta narração, poz a mão sobre o coração e continuou no tom mais pathetico:

« Quando nós nascemos, deviam transportar-nos d'um logar para o outro; mas aquelle cavallo, aquelle pôldro, aquelle bello pôldro, aquelle pôldro incomparavel! Ah! se vós o tivesseis visto, comprehenderieis que especie de cavallo perdemos, e não acharieis exagerado o nosso desespero: mal cahiu o ovo, mal quebrou a casca, vimos sahir logo, logo, o delicioso pôldro! Que corpo tão bem talhado! Que bellas orelhas! Tinha para ahi um covado de alto; o rabo era dos mais elegantes; estendendo ao mesmo tempo

as quatro pernas, deitou a correr que nem um raio. Mal se percebia se voava, ou se andava. Aquelle ovo e aquelle pôldro não me saem mais da memoria. É impossivel esquecer a vivacidade e ardor d'aquelle corsel nascente ».

Quando *Idiota* acabou de falar, o grande Paramarta procurou tranquillisá-lo com ares de uma grande indifferença:

« A sabedoria é minha mãe, disse elle, escutae-me pois. É verdade que perdi cincoenta francos; mas perdendo-os, pergunto-vos eu, não ganhei? Quanto a mim, creio que tudo isto é devido á protecção dos deuses. Escutae o que diz Madeyene d'esse pôldro nascente: se, ao sahir do ovo, elle se mostrou tão vivo e fogoso, que seria quando chegasse a grande? Era capaz de nos trincar com os dentes e assim ninguem se podia chegar a elle. Para mim não queria similhante animal. Nem me atreveria a montá-lo: se a tanto me aventurasse, não me punha em risco de morrer? Portanto, discipulos, fóra com a inquietação; dissipae vosso pesar; os que estão feridos, que se vão tratar, comer, depois dormir, que bem precisam depois de tantas fadigas e soffrimentos. Se, ao accordar, ou durante o somno, vos vier amofinar a lembrança do ovo da egua e do seu pôldro, dizei a vós mesmos que as

velhas pernas de Paramarta ainda são mais seguras que as quatro patas d'esse fogoso corsel, e que na vida é melhor ir com segurança do que ir depressa! ».

Leitor carissimo, deixemos lá dormir todo o collegio imbecil do Brahmane indio; mas não sem fazer uma reflexão, para examinar se, á imitação d'elle, temos o dom de tomar tudo á boa parte, olhando quanto acontece pelo prisma mais favoravel e melhor: amemos tudo o que a divina Providencia permitte. Tudo o que Ella nos manda é para nosso maior bem, para proveito da nossa salvação eterna.

III.

Paramartagourou monta um boi.

NÃO tendo cavallo, Paramarta e sua comitiva ficaram por algum tempo sedentarios. Digeriam sua decepção. Aquelle porém que em tamul se chamava Miletchen, ou *Parvajola* em portuguez, esse não se acommodava muito bem com a situação; e por isso não tardou a dizer a seus irmãos que tudo o que não se vê, esquece-se.

Não sei que temor assaltasse o animo de Miletchen; o certo é que lhe andava lá por dentro qualquer coisa, que lhe inspirou aquelle pensamento tão nitidamente e bellamente expresso no nosso *Longe da vista, longe do coração.*

Afigurou-se-me sempre que o orgulho humano tem em todos os tempos sentido a necessidade de protestar contra este defeito do coração e é por isso que se póde ler nas imagens e retratos, nas cartas, sobre tantos outros objectos e mesmo

sobre os tumulos: Recordação eterna! Amizade inalteravel! Affeição indestructivel! etc. etc; traduzi essas expressões por isto: « Nós protestamos contra o adagio, sobretudo porque conhecemos que é profundamente verdadeiro ».

Como ia dizendo, Miletchen repetia a sua dôr em todos os tons, melhor porventura que eu.

« Os que não apparecem são esquecidos. Se conservarmos o nosso Gourou encerrado no Convento, será similhante a um pote cheio de balsamo, que se conserve hermeticamente fechado. O balsamo está lá, mas ninguem lhe sente o cheiro. Mas se o trouxermos para fóra e tirarmos a tampa que comprime o perfume, a brisa perpassando por sobre este pote deleitavel, encherá tudo de um suave perfume ».

Parvajola por certo que não tinha conhecimento dos frascos fechados a esmeril, aliás um espirito esclarecido como era o seu, teria lançado mão d'esta comparação em vez d'aquella d'um pote vulgar. Do que não resta duvida, é de que logrou apossar-se da imaginação dos seus confrades.

Mas como falar a Paramarta em emprehender nova viagem?

« É magro, disse Matti. A nossa longa demora á beira do rio fez-lhe sentir uma frescura

intempestiva, produzindo-lhe uma tosse que assenta bem no seu todo, que inspira respeito, mas que nem por isso deixa de me trazer em cuidados. Obrigá-lo a andar com este calor de rachar, seria exigir d'elle muito ».

Idiota respondeu: « É verdade que se lhe nota no rosto a fadiga, e depois que atravessou o rio, nem sequer atina com o numero dos discipulos; seus olhos ás vezes andam arredios e desvairados, como os d'um pae que crê perder um filho ».

— Quanto a mim, retrucou o *Bocca-aberta*, desde que se encarregou de chocar aquelle ovo, acho-lhe assim um ar de resignação, como os costumam ter as grandes almas na vespera de acontecimentos de vulto.

— Não sei se será imaginação minha, ajuntou o *Inepto*, mas desde que aquella abobora me cahiu sobre a cabeça, estou sempre com mêdo de que a vida do nosso Gourou se quebre como ella ».

Miletchen inclinou quatro vezes a cabeça para mostrar que dava quatro vezes o seu assentimento. Mas accrescentou:

« Com effeito, não se deve de modo algum pensar agora em fazer andar a pé um ser que acaba de ser abalado por tantas commoções. Falar-lhe d'um cavallo seria renovar todos os seus

tormentos e sacrificios. Comtudo, fazer uma pequena jornada escarranchado em algum animal tranquillo, era-lhe util, e efficaz, para dissipar as nuvens do seu espirito e remoçar sua saude. Arranjemos-lhe pois uma cavalgadura modesta. Não um macho, porque isso não é animal digno de Gourou, e é reservado aos *Vanane* (caiadores); mas é de crêr que algum boi, divindade augusta, consinta em levar, apoiado na sua corcova, nosso Gourou, que tão dignamente honrou a especie bovina em todo o decurso da sua vida ».

Eis os discipulos em pleno campo. Deram com um *Souami-Madou* (Senhor-Boi) (1), que estava mesmo a pintar para elles. Velho como o dono, os annos tinham-lhe sem compaixão levado as pontas. Os discipulos do Brahmane lôrpa viram nisto uma vantagem de primeira ordem. Podiam aproximar-se todos, sem perigo, de um animal tão socegado. Não havia que receiar os golpes de seus chifres.

Mediante 12 francos, o proprietario alugava o seu boi. Elles acharam a condição razoavel, e voltaram a tratar com Paramarta, redizendo-lhe, em côro, que as povoações vizinhas estavam

(1) Os indios dão muitas vezes este nome aos seus bois, que para elles são divindades.

anceiosas por ver sua sombra abençoada, que purificasse os campos e veigas, e que a luz não devia ficar por mais tempo escondida no Convento.

Conclusão: montado sobre um boi, devia percorrer o paiz.

O Gourou abafou um suspiro e acceitou a proposta com resignação. Ficou a partida fixada para o dia seguinte. A noite e a madrugada passaram-se em preparativos. Emfim, foi tudo tão bem calculado, como era de esperar da intelligencia costumada do grupo, que o sol estava já no meio do seu curso, quando escarrancharam Paramarta sobre o seu boi.

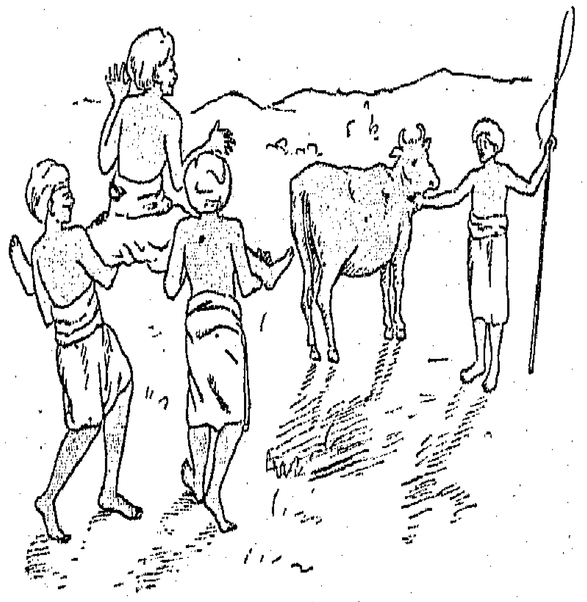
Estava-se no pino do verão, e nem um sopro da brisa vinha mitigar as ardencias do calor.

Numa planicie areienta, a calmaria pôdre esteve a pontos de cozer e fazer em torresmos toda a comitiva.

Só quem se achou em similhante festa é que póde comprehender a extensão de uma tal tortura. Nem um arbusto, nem um abrigo que possa resguardar do sol e permittir alguns instantes de repouso. O suor escorria por todos os corpos, como a agua escorre pelas estalactites de uma gruta. Esta comparação não é minha, mas dos viajantes, que nella acharam novo motivo para

soffrimento, pois que o pensamento da frescura era o supplicio de Tantalo.

O velho Paramarta estava mais suffocado que ninguem. Soffria; o seu corpo enfraquecido era sem resistencia abalado e sacu-



dido por todos os movimentos da sua cavalgadura.

« *Parvajola*, exclamaram á uma os outros quatro discipulos, tu arrastaste-nos a uma imprudencia. Olha para o nosso Gourou: está quasi a desmaiar. Querieis mostrá-lo e agora imos perdê-lo; curá-lo, e está a ponto de expirar ».

Miletchen bateu na testa e depois, acalen-

tando um pensamento luminoso: « Está salvo! », exclamou.

Ao mesmo tempo fez parar o boi e a gente. Auxiliado pelos seus confrades, pega em Paramarta, que oscillava sem resistencia sobre a cavalgadura, e fez passar Gourou de cima para baixo do animal. Cada um dos discipulos lança a mão a uma perna do boi, para que não se movesse. Trabalho inutil; tão velho como Paramarta e quasi como elle offegante e cansado, o animal não se tinha amofinado nem zangado com a paragem: e depois, por muito pouco que o Gourou pesasse, sempre custava mais levá-lo, que cobri-lo com sua sombra.

Achando-se pois assim o boi immovel, os discipulos tinham desdobrado com a mão livre uma ponta da faxa branca de Gourou, e serviam-se d'ella como de leque para refrescar o melhor possivel o objecto da sua solicitude.

Veiu em seu auxilio uma branda brisa, que acabou por resuscitar Paramarta, que abriu um olho, depois outro, estirando as pernas e os braços.

Quando o viram bem disposto, içaram-o novamente para o lombo do pobre animal que acabava de lhe servir de guarda-sol.

Foi esta a unica peripecia desagradavel da via-

gem. De tarde, chegaram a uma aldeia, e acoitaram-se no *satram* dos viajantes (1). Paramarta, desceu do boi, mas não sem o acariciar ternamente, como para lhe agradecer aquelle favor que lhe tinha prestado. Entregaram-se ao dono as doze rupias combinadas. Mas elle deitou-as ao chão com raiva e descontentamento, dizendo que assim não ficava pago.

« Como, replicaram em côro os discipulos, não nos disseste que alugando-te a ti e ao teu animal para o serviço de Paramarta, te haviamos de dar em paga doze rupias?

— » Senhores, disse o conductor com ar serio e grave, quando fizemos o contracto, o que se combinou foi que o lombo do meu boi ficaria ao serviço de Gourou por doze rupias, e que por isso podia andar montado nelle até á noite, lá por onde quizessem. Mas quem havia de pensar que se iam servir da barriga do meu boi, e metter debaixo d'ella a Gourou, salvando-lhe assim a vida? Pedir-vos outras doze rupias por

(1) É um bello costume dos indios levantar de espaço a espaço casas mais ou menos bonitas, que sirvam de abrigo aos viajantes. Cada um póde ter ahi lume e cozinhar á sua vontade. Alguns d'estes *satram* têm um compartimento destinado ao guarda, a quem aliás os pobres não têm de pagar nada.

um serviço tão raro e tão precioso, a meu ver, senhores, é ser um homem honrado! ».

Os discipulos não se deram por convencidos.

« Nós temos visto de tudo no mundo, diziam elles cheios de raiva; mas pedir paga pela sombra de um objecto, isso é coisa que nunca se viu. Não queremos estabelecer similhante precedente, e por isso não recebereis de nós nem mais uma *cache* (a mais pequena das moedas indianas) além do preço estipulado ».

A questão acalorou-se e, como succede em casos similares na India, todos gritavam á farta, quasi como se quizessem esganar uns aos outros. Felizmente que em taes occorrencias é mais o barulho que as obras.

A bréve trecho estava a povoação em pêso a presenciar a disputa. Os circumstantes pertenciam todos á tribu dos *Vallers,* que é uma das mais baixas do imperio. Todavia o chefe era rei na sua terra, e por conseguinte escolheram-o por arbitro. Na India usam, quando a casta é numerosa e poderosa, prestar veneração grande a seu rei, ainda que a casta seja da mais baixa extracção.

O Convento de Paramarta explicou a sua pretenção e assegurou que com toda a justiça tinha alugado o boi inteiro! O dono do boi, por

seu lado, affirmava que alugara a lombada do boi por doze rupias, mas que a sua sombra era uma coisa á parte.

O chefe perguntou antes de tudo se elles estariam pela sua decisão. Comprometteram-se a isso.

Com grande malicia, elle começou por contar-lhes uma historia.

« Não julgo por minha cabeça, disse elle: mas applicarei ao caso presente o que a mim proprio me aconteceu ha annos: Ia de viagem e tinha chegado a um *satram* que não só facilitava aos viajantes um bocado de repouso, mas tinha além d'isso um cozinheiro de mão-cheia, que ageitava por dinheiro pratinhos de primeira ordem. Ao eu entrar, tinha feito um guizado com carneiro, cozido á maravilha, que perfumava o quarto, bulia com o olfacto e excitava o appetite. O meu estomago não desgostaria de tomar parte no festim,

« Infelizmente a minha bolsa estava mal sortida. Tinha commigo a minha pitança, o meu arroz já cozido e, segundo o nosso uso, embrulhado num pedaço de panno velho. Entretanto, attrahido pelo cheiro, aproximava-me mais e mais do sitio onde o seductor carneiro espalhava o seu cheirinho e o das especiarias que o condimentavam. Assumindo então um ar de grande humildade, mostrei ao cozinheiro o meu arroz empacotado no seu linho, e disse-lhe de modo a movê-lo á compaixão: « Aya, a minha bolsa está vazia, o meu estomago tambem. Dá-me licença que ponha sobre o fumo do teu excellente guizado o arroz secco que devo comer. Este vapor perde-se e o meu arroz assim impregnado ficará quente e tomará um bocado do sabor do primoroso piteu da tua cozinha ».

« O cozinheiro, mais amavel do que são geralmente os seus camaradas, disse-me que fizesse aquillo que muito bem me parecesse.

« Peguei pois no meu arroz e agarrando pela ponta do panno que o continha, virei e tornei a virá-lo em todos os sentidos, afim de que se embebesse do excellente vapor do seductor carneiro. Continuei o meu trabalhinho emquanto o guizado esteve ao lume, e não foi servido aos mais felizes que eu. Então assentei-me num canto

e saboreei muito socegadamente o meu *sorou* (arroz) perfumado, excellente. Passei a noite d'um só somno, e no dia seguinte todo alegre e satisfeito, dispunha-me para seguir viagem, quando o dono do *satram* me deteve como um ladrão, dizendo que não podia partir assim e que primeiro devia pagar-lhe o fumo do carneiro que na vespera tinha condimentado a minha ceia. Tive a ideia de lhe saltar á cabeça como um gallo furioso, mas contentei-me com dizer-lhe: Pesaste o teu fumo para saber quanto te devo? Esta agora de pagar vapores de guizados! Onde é que se viu coisa similhante?.

« Emfim, como não eramos capazes de chegar a um accordo, dirigimo-nos ao chefe da aldeia, a quem pedimos que decidisse a nossa demanda.

«Era elle um homem equitativo, que não se deixava influenciar de promessas nem de presentes, um sabio, que conhecia a fundo o *darma sastra* (especie de codigo indiano). Tinha a sabedoria de Brahma e a sua prudencia.

« Escutae, disse elle, eis o que dicta a justiça; aquelle que comeu do guizado de carneiro, deve pagar em bom dinheiro; aquelle que o saboreiou em espirito e só participou dos vapores que sahiam do famoso guizado, deve pagar na mesma moeda: basta o cheiro, o vapor do dinheiro.

« Chega-te aqui, » diz elle ao meu adversario, poisando-lhe sobre a nuca uma mão poderosa e firme, emquanto que com a outra pegava num pequeno sacco de dinheiro que tinha. Esfrega rudemente com elle o nariz do seu paciente, dizendo-lhe ironicamente: « Cheirae, meu amigo, cheirae. Eis a justa paga do cheiro e dos vapores do vosso guizado de carneiro ».

Como no fervor do seu julgamento, elle alargasse o circulo das suas operações, o guarda do *satram* pediu logo compaixão e perdão: « Vós daes-me cabo da orelha, dizia. Já senti a valer o cheiro do vosso dinheiro. Nada mais vos peço e deixarei este viajante continuar em paz o seu caminho ».

« Taî foi, continuou o chefe dos *Vallers*, o julgamento que eu alcancei neste delicado negocio. Vejo nelle uma advertencia dos deuses para que termineis vossa demanda com equidade. Escutae bem: Por ter montado sobre o boi *realmente*, foi preciso pagar *realmente*, com bom dinheiro. Por ter descansado á *sombra* do Madou, é preciso saldar a conta com a sombra do dinheiro. A minha decisão é digna de applausos; na pratica porém offerece uma difficuldade; o sol já se poz, e não vejo meio de fazer que o dinheiro nos dê a sua sombra. Na falta d'ella, o *som* d'este

metal tem o mesmo valor para um amador de dinheiro.

« Recebereis pois, meu amigo, a paga da *sombra* do vosso boi, com o tilintar do dinheiro da minha bolsa ».

E proferindo estas palavras, agarra numa orelha do conductor do boi, e agita a saquinha perto da outra, mas de maneira a deixar-lhe lembrança do acontecimento. Ao mesmo tempo dizia-lhe em ar faceto e zombeteiro: « Escuta bem este som, meu amigo, escuta com delicia, que é o pagamento da *sombra* do teu boi ».

O indio já estava farto de tal pagamento. « Por favor, exclamava, deixae as minhas duas orelhas no seu logar: estou prompto a partir com o meu boi e a contentar-me com as doze rupias que devia ganhar por ter servido para elle montar ».

Durante este julgamento os discipulos formavam um quadro digno de pincel. A alegria, a surpreza, a admiração no seu mais alto diapasão, succediam-se; torciam seus braços, faziam estalar suas linguas: parecia que estivessem em convulsão.

Parece incrivel, leitor, mas o homem do boi teve a coragem de perguntar a Paramarta se precisava do animal no dia seguinte. « Não, res-

pondeu o Gourou, com um ar assustadiço. Mesmo o teu velho boi só pensou em trazer-me desgraças. Já vejo que os meus pés são a melhor cavalgadura. Demais a mais, eu gosto de socego, e não quero na minha companhia um homem injusto e amigo de demandas como tu ».

Em seguida Paramarta dignou-se fitar o chefe dos *Vallers* e agradecer-lhe o seu equitativo julgamento, em paga do qual lhe deu sua benção.

Aprendamos esta lição, querido leitor, e não entreguemos nosso coração nem dispensemos nossas attenções senão á verdade e aos que no-la trazem. Quanto ás pessoas e ás coisas que da verdade não têm senão a *sombra,* pagae-lhes na mesma moeda, e não lhes offereçaes em compensação senão o *som* ou a *sombra* do vosso interesse e da vossa confiança.

IV.

Pescando um cavallo.

No dia seguinte ao do julgamento da sombra bovina, Paramarta poz-se a caminho ao cantar do gallo. Gourou experimentou a marcha a pé; mas não podia andar depressa. Ao completar um *cadam,* isto é, perto de três leguas de caminho, viu arvores verdes e ramalhudas, que lhe inspiraram estas palavras: « Eu nunca ouvi dizer que se pagasse a sombra das arvores postas ao longo das estradas. Gozemos um bocado a fresca debaixo d'este verdejante macisso. Em seguida poderei continuar a jornada a pé, porque no fim de contas estou velho, e não posso andar muito tempo sem me cansar ».

Aquillo foi dito e feito. Ei-los deitados á sombra da ramaria. O *Idiota* ao principio fez como os outros; mas depois com sua privilegiada intelligencia concebeu uma bella aventura. Notando que alli perto havia uma lagôa, correu a lavar os pés nella.

As lagôas da Bretanha têm por unico ornamento os juncos, os nenuphares, os lyrios e as cannas. Nas Indias uma lagôa é quasi sempre uma coisa sagrada; no meio ou á borda, um templo: expõe-se adrede uma divindade para receber as adorações dos devotos, que se lavam em sua honra, e se sujam com não menor fanatismo, servindo-se do sandalo, da farinha e do *sâni* sagrado.

A lagôa que attrahira as attenções de *Idiota*, tinha, além do seu idolo, ornamentos de primeira qualidade. Um doente fizera voto de embellezar o sanctuario pagão com um bonito cavallo de barro, tendo uns longes de parecença com os cavallos de cartão, feitos de uma só peça, com que todos havemos alegrado os dias da infancia.

Os indios, sem excepção alguma, achavam o cavallo magnifico. A lagôa a que servia de ornato, estava naquelle momento cheia de agua limpida e repousada. O cavallo modelado reproduzia-se admiravelmente neste espelho natural. *Idiota* fez um passo atraz, abriu a bocca, e, cheio de admiração, deitou de fóra uma lingua tão comprida, que parecia que se movesse com auxilio de uma mola. Mas como taes excentricidades não eram *yokiam* (convenientes), metteu na caixa a sobredita lingua com um segundo

movimento egualmente precipitado, e começou a tocar os labios com a mão direita, gesto de pasmo familiar aos indios, que elle fez por largo espaço, porque era muito *yokiam* e um homem tão elevado como o nosso *Idiota* podia permittir-se tal liberdade sem lesar sua honra.

« Um cavallo no fundo da agua é um phenomeno que transcende a minha intelligencia », pensava o cerebro de Madeyne, ao mesmo tempo que tocava tambor sobre os labios. « E que faz elle? Como veiu parar ao fundo da lagôa? Tem patas, mas crina não. Talvez que Paramarta, a quem a sciencia acabrunha, possa dar a solução d'este enygma. O nosso Gourou estava tão can-

sado com estas ultimas provas! Bem queria, sósinho, achar o segredo para lhe fazer haver aquelle cavallo! ».

Ergueu os olhos para o céu á cata d'uma inspiração e avistou em frente do seu nariz o cavallo de barro.

« Ora vejam lá, disse elle, é como o outro. Tinha ouvido dizer que, quando um animal se acha ao pé da agua, se imprime nella a sua sombra, e eu mesmo já verifiquei isso por mais de uma vez. Não será esta estatua de cavallo que se reflecte na agua? É exactamente a mesma côr, a dimensão aproximada; será porventura a mesma coisa? é com certeza isto! ».

O pobre do *Idiota* apossara-se do problema. Infelizmente para elle, um vento brando entrou a mover a agua até alli dormente. A sombra do cavallo parecia mover-se, ao passo que a estatua permanecia immovel. Bateu na testa como um homem estupefacto e exclamou com toda a força dos seus pulmões: « *Idiota,* tu não o és sómente de nome. Se o cavallo que está no fundo da lagôa fosse o reflexo d'aquelle que se acha na margem, não bulia, estava immovel como esta pedra. O da agua agita-se, está vivo, é um corsel de primeira, ao contrario d'este, que está passivo, immovel, como ornamento que é ».

Arrebatado e enthusiasmado com a descoberta, poz as mãos, bateu na testa e querendo adquirir a certeza, fez nascer em seu cerebro uma ideia luminosa: a de pegar numa grande pedra e de a deitar com violencia sobre o bucephalo aquatico. Realisou a sua inspiração soltando gritos e fazendo largos gestos no intuito de espantar o extraordinario corsel.

Qual de nós, em pequeno, não se divertiu a mover a agua, deitando-lhe dentro pequenas pedras e seixos?

Idiota fizera coisa melhor; atirou com uma pedra grande, muito grande, atravez dos sulcos que o vento abrira nas ondas. Como era naturalissimo, o movimento tornou-se mais intenso e a onda parece que se agitou ainda mais. Afigurou-se a *Idiota* que o cavallo se empinava, saltava, coiceava e dava todos os signaes de irritação.

A sua alegria foi grande: aquelle cavallo estava com certeza vivo; mais ainda, parecia não ter dono: quem ia agora ter a ideia de procurar um cavallo no fundo de uma lagôa? Não restava duvida de que a virtude de Paramarta operava milagres; os deuses retinham nas ondas este animal, bem digno de substituir o pôldro sahido do ovo que fugiu por montes e valles.

Idiota desatou numa correria doida para os seus. E o certo é que foi bem acolhido pela santa côrte de que fazia parte. Os espiritos d'aquella jovial assembleia batiam em unisono.

Idiota explicou-lhes como vira na agua um magnifico corsel; que ao principio julgara fosse a sombra da estatua d'um cavallo erguida á borda da lagôa, mas tendo ferido o animal marinho com uma pedrada, e tendo-o aterrado com seus gritos e gestos, elle se agitava como um animal feroz, emquanto que a estatua de barro ficava muda e quêda. Portanto não se podia pôr em duvida que o cavallo, por um milagre, estava no fundo da lagôa, fogoso e cheio de vigor. Quem sabe? Talvez que a deusa fortuna o tivesse posto alli para lhes evitar, a todos elles, novos desastres e dissabores. D'alli por deante não precisariam de descansar á sombra dos bois, nem de pensar em chocar ovos d'eguas; aquelle dextro corsel transportaria a Paramarta d'um logar para outro com agilidade admiravel, a julgar pelas ondulações de seus membros que se percebiam perfeitamente atravez da agua.

Todos se ergueram como um só homem. O vento, zombando da sua estupidez, agitava mais ainda a lagôa sagrada, a sombra movia-se ao seu sopro.

« Olhae, exclâmou *Idiota* satisfeitissimo, o do fundo move-se e o da margem da lagôa está quieto ».

Esta observação frisante não deixou sombra de duvida em todos aquelles cerebros vazios: o Brahmane lôrpa extasiou-se e com elle toda a côrte.

Ai! e não ha elle no mundo muitos Paramartas, que em suas loucuras e desacertos acham sempre aduladores e louvaminheiros?

Consequentemente, do que então apenas se tratou, foi de conquistar o famoso corsel marinho: era mister utilisar o presente dos deuses e, custasse o que custasse, arranjar cavalgadura para o velho Gourou desfallecido e cansado.

Cada qual apresentou sua opinião. Os mais corajosos queriam mergulhar, tendo na mão grossas cordas, atar o animal e obrigá-lo a sahir á força da lagôa.

Paramarta era, como devem estar lembrados, a prudencia em pessoa.

« Esse partido é heroico e chegaria com certeza a um resultado, exclamou elle; parece-me todavia que tem seus perigos e, antes de o adoptar, é bom saber qual de vós está disposto a fazer a experiencia ».

Ainda estão todos lembrados dos pretextos

sem numero que os zelosos discipulos apresentaram para não chocar o ovo da egua. Egual trabalho deram aqui á sua feliz imaginação, para inventar meio de se furtarem áquelle petisco de entrar na agua para agarrar a sombra que elles julgavam um cavallo. Eram como outros tantos aduladores egoistas, que tudo queriam, menos expôr as suas ricas pessoas.

D'esta feita, o mestre recuou tambem deante do sacrificio. A sua actividade indiana podia muito bem ir até ao sacrificio de ficar sem se bulir sobre um ninho, mas não podia affrontar um banho frio até ao pescoço, sobretudo tratando-se de deitar a mão a um cavallo de tão estranha especie.

No fundo do coração todos tinham seus restos de vergonha, e por isso procuraram velar sua cobardia inventando expedientes, cuja efficacia encareciam para melhor encobrir o medo.

— « Façamos uma linha forte, dizia um d'elles.

— *Nelladou* (muito bem), responderam em côro todos os companheiros.

— É preciso um anzol, accrescenta um segundo.

— Atrapalhaes-vos por tão pouco? — replicou um terceiro. Vêde esta foucinha! Não é

quanto se quer para a bocca d'este admiravel corsel? Quando elle ficar prêso a esta ponta, garanto-vos que ficará mais seguro, do que se entrassemos na agua e prendessemos as suas quatro patas tão terriveis e capazes de nos atirar algumas parelhas pouco respeitosas para pessoas da nossa cathegoria.

— Nada mais conveniente que esta reflexão, disseram os outros quatro; não é *yokiam* que pessoas como nós vão enlamear-se entre as pernas de similhante animal ».

Maravilhados de si mesmos e do modo como escaparam ao mergulho, trataram de preparar a linha; deitaram num trapo uma porção de arroz e prenderam esta isca á foucinha; como não tinham cordas, julgaram que um dos seus turbantes podia servir para içar o quadrupede.

Ainda nesta conjunctura se revelou a dedicação dos discipulos. Matti fizera voto de ficar de cabeça descoberta, Madeyene tinha o cabello cortado de fresco, Pedeyl recordava uma insolação recente, Miletchen assegurava que o seu turbante lhe fôra emprestado por um confrade, e Moudene pretendia que o seu, de um tecido espesso como a sua pessoa, não era bastantemente flexivel para substituir uma corda. Foi pois forçoso que o pobre do Paramarta, suspirando, tirasse a velha

musselina que cobria sua nuca ainda mais velha.

Mal os discipulos se acharam de posse do objecto suspirado, não couberam em si de contentes, e juraram que tal reliquia não podia deixar de lhes proporcionar uma excellente pesca. Dispoz-se tudo e ei-los deitando á agua, com esforço e enthusiasmo, a foucinha e os embrulhos de arroz atados na extremidade do turbante.

A massa cahindo na agua agitou-a espantosamente. A sombra enganadora moveu-se no mesmo sentido que a onda, e tudo com tal impetuosidade, attento o pêso da fouce, que os nossos valentes ficaram aterrados. A seu vêr, o cavallo, assaz malicioso, adivinhara-lhes o projecto. Na imaginação já se lhes figurava que estava prompto a atirar-se a elles; e por isso deixando isca, anzol e tudo, deitaram a fugir.

Madeyne foi o unico que teve graça de estado. Indubitavelmente o amor proprio alentou a sua coragem, pois fôra elle que fizera tão bella des-

coberta. Virando um pouco a cara para não soffrer grande susto, ficou no seu posto, segurando com mão tremula o turbante em cuja ponta estava segura a foucinha.

A divindade d'esta lagôa cobria com sua protecção os peixes que a povoavam. Nenhum impio teria ousado perturbar a paz dos habitantes de barbatanas; se fizessem uma lista e estatistica da sua população, estou em crêr que achariam os bisavôs e trisavôs dos pequenos peixes que acabavam de nascer. E' verdade que, segundo o louvavel costume da India, onde as faltas occultas não valem nada, podia apparecer algum brahmane atrevido capaz de se pôr em campo para agenciar com que fazer uma *mine-colombo* (molho de peixe) para o dia seguinte. Mas emfim, a coisa não era facil, tornava-se de necessidade evitar o escandalo; e por isso, querido leitor, é bem certo o que já te fiz entrever acima, a saber, que os peixes d'esta lagôa sagrada eram os mais felizes do mundo inteiro.

O arroz, que ia a fazer de isca, foi para elles novo motivo de jubilo. Os peixes patriarchas preveniram sua familia; reuniram-se grandes e pequenos, e a refeição foi devorada num apice.

A foucinha desembaraçada do arroz e dos farrapos, pelos peixes habilidosos, que souberam

comer aquelle e afastar estes, faltando-lhe o apoio que até alli a sustentara em pêso, resvalou ao fundo, escolhendo um cantinho para se abrigar entre as raizes de uma arvore que cahira na lagôa por occasião de um formidavel temporal.

Idiota, que de tempos a tempos puchava pela linha, para verificar se o cavallo já tinha ou não picado no arroz, sentiu naturalmente uma grande resistencia, e não era capaz de alar a prêsa: a foucinha, que tinha passado por debaixo do tronco, era retida por todo o pêso da velha arvore. Madeyene deitou a mão ao coração para comprimir suas pulsações; a alegria desnorteiava-o, abafava-o.

« Matti, exclamou, rende graças ao céu! Pedeyi, que admiração não será a tua! Miletchen, anda contemplar este espectaculo; Moudene, preciso da força do teu braço. Gourou, presado Gourou, uma puchadella só e temos cavallo ».

Os discipulos, vendo que falava a serio, e como quem não alimenta sombra sequer de duvida, recobraram a esperança e vieram pegar tambem no turbante. Como Madeyene, sentiram a resistencia, e todos ficaram capacitados de que o cavallo engulira a foucinha inteira. Este successo elevou ao auge o seu enthusiasmo. Puzeram-se a marcar em côro a medida, segundo o costume indiano quando se trata de fazer um esforço. Os

seus *oh! oh!* — *ah! ah!* echoaram ao largo. Ao quarto *oh! oh!* pucharam todos com quanta força tinham. Que havia de succeder? A tira coçada e gasta do velho turbante rasgou-se ao meio, e os nossos homens afocinharam por terra. Entretanto, a outra ponta da linha e a foucinha afundavam-se de todo nas aguas; elles ergueram-se passados de vergonha, cada um com seu farrapo na mão, e olhando-se com estupefacção, disseram á compita: « Que bom cavallo! Que força extraordinaria! Que musculos de ferro! E' um corsel bem para temer! ».

Um homem muito avisado vira de longe o manejo dos discipulos de Paramarta, e até julgou que andavam a divertir-se; e por isso chegando-se para elles, perguntou que especie de passatempo vinha a ser aquelle.

« Oh! senhor responderam elles, nós não andamos tal a divertir-nos; reunimo-nos para pescar ao anzol um cavallo de que o nosso mestre muito precisa. Démos com tudo. Com o anzol, com a isca e até com a linha. O nosso Gourou, o grande Paramarta, fez para esse effeito sacrificio do seu turbante; mas aquelle cavallo marinho deve ter uma força extraordinaria; acaba de tornar nossos esforços inuteis; o turbante rasgou-se: que havemos de fazer agora? Se a vossa sabedoria póde

ajudar a nossa, é um beneficio que fazeis a gente de bem e honrada ».

O recem-chegado, custou-lhe a acreditar naquelle excesso de imbecilidade. Julgou que queriam zombar d'elle; mas examinando mais detidamente a Paramarta e á sua gente, viu com quem tinha de se haver. Teve pena d'elles e desejando ser-lhes util, disse-lhes com ar de bondade: « Como sois simples! Homens ha mais intelligentes que vós, os quaes se deixam fascinar pela sombra da ventura e pela miragem dos thesouros! O que vós vêdes nesta lagôa não é mais que o reflexo d'aquelle cavallo de barro que está alli posto como uma balisa ».

Como os ouvintes se mostrassem incredulos e se adextrassem para fazer objecções, accrescentou: « Ora vamos lá, eu vou convencer-vos, apesar da vossa estupidez ».

Tirando o panno que lhe cobria as espaduas, collocou-o entre a estatua e a lagôa. A sombra desappareceu e os discipulos ficaram mudos e cabisbaixos.

Passada a primeira confusão, viraram-se todos a *Idiota,* que por duas vezes os convidara para a pesca. Paramarta mandou-os calar e desculpou-o, dizendo ao estrangeiro: « Se Madeyene errou, foi levado apenas pelo respeito e amor filial,

Elle vê-me velho, doente, arrastando a carcassa por esses caminhos. Já por varias vezes elle e seus irmãos tentaram arranjar-me uma cavalgadura, e primeiro depositamos todas as nossas esperanças num ovo de egua. A sabedoria dos deuses quebrou-o, e sahiu d'elle um pôldro extremamente fogoso; e ainda bem, que, se chegasse a montá-lo, quebrava-me os ossos. Depois desfalleci viajando num boi, e tendo descansado este deus me perdôe, sob a sua sagrada sombra, o conductor obrigou-me a pagar-lhe, além do preço combinado, a sombra tutelar do *Souami* (senhor) ».

O homem sentiu-se tocado de verdadeira compaixão, e vendo a miseria moral e physica dos infelizes, disse-lhes com caridade: « Eu tenho lá em casa um cavallo que não é novo, nem bonito. Devo até confessar que coxeia um pouco; mas para gente da vossa laia não convem cavalgadura mais dextra. Vinde até á aldeia, dormireis em minha casa, e amanhã dou-vos o *sandipou* (presente) por que ha tanto tempo suspiraes ».

V.

Paramarta a cavallo.

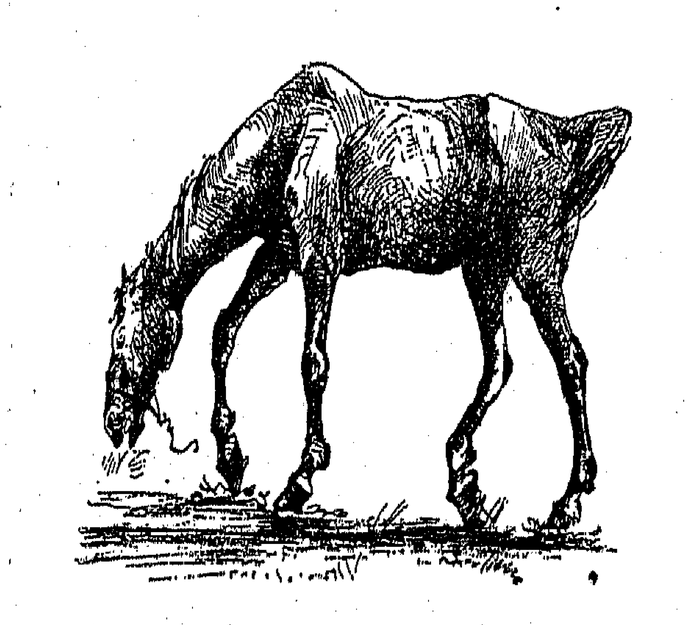
A FALAR a verdade, o encontro d'esta feita era o melhor que se poderia desejar. O hospedeiro de Paramarta e da sua gente não possuia uma fortuna por ahi além, mas era um homem honrado, que gostava de exercer a hospitalidade. Offereceu aos viajantes uma excellente refeição, e poz á sua disposição esteiras proprias e um quarto socegado.

No dia seguinte, frescos e optimamente dispostos, tomaram banho e apresentaram-se ao seu bemfeitor, dizendo em côro um agradecimento e reclamando com fervor o cavallo.

A cavalgadura pastava muito socegadamente nas immediações. Ha muito tempo que se julgava reformada, pensando ter trabalhado o bastante para descansar na sua velhice. Em todo o caso, não levou a mal que a arrastassem para o sitio onde Paramarta, não menos velho que ella, a aguardava com impaciencia.

O indio pediu a Gourou que acceitasse o tão almejado corsel.

Creio bem que os meus leitores não se enfastiarão com a descripção, que lhes vou fazer, do bicho.



Tinha vinte e cinco annos feitos: para um cavallo, é uma edade boa. Tinha deixado um dos olhos na floresta e foi necessario cortar-lhe uma orelha para impedir os progressos de uma ferida. Mas emfim, via d'um olho e ouvia d'um ouvido; tambem por isso se lhe podiam perdoar outros defeitos de pouca monta, como era coxeiar de uma das mãos, e ter ainda qualquer falha nas patas de traz; este defeito consistia em serem os dois pés tão recurvados para fóra, que,

ao andar, os jarretes chocavam-se, e ao poisar no chão as pernas, formavam um triangulo.

Gostarieis, leitores amigos, d'um cavallo dotado de tão bellas qualidades? Não custava nem cinco reis, não podia ferrar uma dentada, não podia dar coices. O Gourou e seus discipulos acharam ser coisa muito superior á sua espectativa.

Em éstos de alegria agradeceram ao offerente, e agrupados em volta do animal por tanto tempo suspirado, consideravam-o no silencio da admiração.

Um apalpava-lhe o lombo, outro levantava-lhe as mãos, o terceiro penteiava os cabellos da cauda, um quarto puchava com amor e delicadeza pela unica orelha do animal, examinava o olho em actividade e o olho fechado; emfim, o quinto trazia uma mancheia de erva fresca e mettia-a, a bem ou a mal, na bocca do velho cavallo assombrado.

Era mister ajaezar o seu thesoiro. No sitio não havia arnezes dignos do mestre. O offerente do cavallo, que se fartava de rir á custa d'aquelles simplorios, augmentou o catalogo das suas liberalidades e benemerencias com uma albarda a desfazer-se aos pedaços. Por desgraça não tinha retranca, e elles fizeram uma com três ou quatro ramos de enrediça. Deu-lhes tambem um freio,

mas faltavam-lhe as redeas; elles então pegaram em palha e fizeram cordas de um estylo particular, muito elegante e encantador. Os estribos tambem não tinham correias, porque os ratos roeram o coiro todo. Serviram-se das sôgas com que alli prendem os bois ao arado, para atar e suspender os estribos.

Estando esta magnifica *toilette* concluida, os discipulos soltaram ruidosas acclamações, e convidaram Paramarta a montar o seu animal. Gourou commovido, como numa circumstancia importante da vida, pediu-lhes que esperassem até elle consultar o Brahmane *pourohite* (astrologo) do sitio. Montar a cavallo a primeira vez, não era coisa para se fazer assim do pé para a mão. Era necessario conhecer a hora, o minuto favoravel. Tendo-se conformado fielmente com o oraculo, entregou-se aos seus discipulos para que o guindassem para cima da sua rica cavalgadura.

A curiosidade attrahira a povoação em pêso, e emquanto que Matti puchava por Paramarta para a direita, Madeyene puchava por elle para a esquerda, Pedeyi levantava o seu vestido, *Parvajola* agarrava uma perna e Moudene erguia-a, os assistentes batiam palmas e o espaço resoava com as acclamações frementes da multidão. Paramarta estava finalmente montado. Os disci-

pulos reuniram-se e deram-lhe as instrucções necessarias para se poder manter em equilibrio. Isto feito, um d'elles pegou na corda de palha e puchou pelo cavallo com quanta força tinha; Moudene, collocado atraz, empurrava-o herculeamente. *Doido* e *Idiota* iam aos lados do bicho, de braços estendidos, para receber Gourou no caso d'elle cahir. Paramarta segurava-se com uma das mãos no arção da sella, e com a outra na crina do cavallo. Miletchen seguia á frente, exclamando, mesmo quando não havia ninguem: « O' vós que passaes, cautela, deixae o caminho livre ao grande Paramarta. Os deuses, á vista da sua grande virtude, deram-lhe em presente um cavallo; prestae-lhe honras a elle e á sua cavalgadura ».

Lambiam-se todos saboreiando aquella dita, e a sua marcha triumphal durou algnmas horas sem obstaculos. E assim chegaram a um posto da Alfandega. O empregado pediu logo cinco peças de oiro para o cavallo poder passar.

As figuras radiosas dos discipulos do *Lôrpa* riram-se, e deram em resposta: « Vós estaes a mangar com as tropas! Quem tem o direito de exigir pagamento pelo cavallo d'um Gourou? Olhae que é presente de uma alma caritativa, que tocada das enfermidades do nosso mestre,

no-lo deu, e então atreveis-vos a pedir uma retribuição? »

Em vão tentaram commover aquelle coração inacessivel á piedade. O empregado continuou a propugnar pelos direitos do Governo, dizendo que respeitava muito o famoso Gourou, mas que em materia de impostos não respeitava pessoa nenhuma d'este mundo.

Paramarta, apegado aos bens da terra, puchou de cinco peças em oiro e entregou-as, murmurando dolorosamente: « Ora, para que precisava eu d'este cavallo? Se eu viajasse como sempre fiz desde que minha mãe me poz os pés no chão, escusava agora de desembolsar estas cinco peças ».

Preoccupados, entraram de roldão no *bengalaw* publico.

Estavam satisfeitissimos; e tendo-se ahi encontrado com um viajante, apressaram-se a contar-lhe suas novas aventuras.

« Ah! dizia Paramarta, a raça humana vae degenerando sempre; chegou-se ao ponto de se roubar a um Gourou d'esta bitola cinco peças de oiro, sob o pretexto de que vae a cavallo. Vi gente que em vez de nos defender, se estava rindo e mofando. São acaso os ladrões das montanhas mais culpaveis que estes empregados

do governo, que me fizeram pagar á força este imposto? ».

Falou tanto e tão destemperadamente, que no dia seguinte não precisou de vomitorio: a sua bilis foi toda misturada entre as suas palavras.

O viajante abundou nas ideias de Paramarta:

« Estamos no tempo do *cahly-yonham* (ultima edade), o mundo está gasto, as virtudes ainda mais, e em logar d'ellas deifica-se o dinheiro. Este goza de tal força, que já me garantiram que, se dissessem ao ouvido d'um morto: *tu queres dinheiro?* elle responderia immediatamente: sim, quero.

— A mim tambem me disseram isso, e que o desprezo da casta ia até ao extremo de o fazer apanhar, não sómente no augusto *sâni*, se elle ahi cahisse, mas tambem entre os objectos mais immundos, como o coiro, por exemplo (1).

— Sim, sim, replicou o viajante, se o achassem num monte de esterco, ainda haviam de ir dizer que cheirava bem ».

Os dois moralisaram neste tom até de tarde. Então Paramarta quiz aproveitar-se da fresca, e

(1) Os animaes mortos são considerados pelos indios como uma coisa manchada, e esta mancha attinge tambem a pelle dos mesmos animaes.

montou de novo sobre o seu velho rocinante. Ao pôr do sol, entrou numa povoação onde desejava passar a noite.

Para fazer economia, evitando pagar uma córte

para o cavallo, os discipulos soltaram-o, convidando-o a pastar nas immediações.

O animal só tinha um ouvido e não entendeu a recommendação que lhe fizeram, de ser prudente. Avistou um campo muito verde, e ahi se

foi remoçar do cansaço que o pêso de Paramarta lhe havia causado.

No dia seguinte, o grupo quiz proseguir viagem. Toca a procurar o animal, mas não são capazes de dar com elle.

Um lavrador, vendo aquella azemola a comer com toda a força suas tenras sementeiras, tinha-a engaiolado numa estrebaria, e pretendia ficar com ella em compensação da sua perda.

Paramarta levou a sua queixa aos pés do chefe da povoação, e o lavrador apresentou-se, concordando, depois de muito ameaçado e instado, em acceitar uma indemnisação em dinheiro.

Foram nomeiados peritos, que avaliaram o damno em coisa de oito ou dez peças de oiro.

Eu tive sempre minhas duvidas sobre a justiça dos direitos exigidos pelos empregados da Alfandega: cinco peças de oiro para entrar numa terra, é bastante puchado. Nutro egual desconfiança quanto a estas oito ou dez peças exigidas por uma mancheia de erva. O leitor não fica por certo surprehendido se eu lhe disser, — pois todas as espinhas dorsaes se curvavam deante do grande Paramarta, — que acabaram por declarar que em attenção a elle, ás suas virtudes e fama, ficava a multa reduzida a 4 peças (100

francos). Paramarta deu-as, mas fitou de travéz o cavallo que se adeantava para elles.

« Não quero montar-me de novo nelle, disse: traz-me desgraças ».

O seu collegio e os moradores do sitio tentaram dissuadi-lo:

« Convem á vossa dignidade e á vossa edade, que circuleis a cavallo. Não queiraes fugir á gloria, renunciando ».

Um *Vallouven* (especie de parias, que fazem profissão de ler sinas), deu um passo adeante:

« Senhor Paramarta, disse elle, comprehendo as vossas inquietações; mas se tendes tido tantas desgraças, isso é effeito de um maleficio. Dae-me cinco peças de oiro, e pouco é para um serviço tão avantajado. Desde que as tenha na minha mão, terei ao mesmo tempo o poder de livrar o vosso cavallo da má sorte, que o persegue ».

O Gourou coçava suas velhas orelhas, porque estimava muito o seu descanso e o seu dinheiro; disse por fim:

« De que me serviriam os meus escudos, se os tormentos me arrebatassem a vida? »

Convencido por esta reflexão, deitou na mão do *Vallouven* as cinco peças que elle reclamava. Foi dinheiro ganho de costa direita, e sem custo;

algumas cabriolas, caretas e contorsões, alguns pêllos arrancados da cabeça e da cauda do cavallo, dois olhos esgazeados acompanhados de *cram crouns* e outras palavras barrôcas, fizeram effeito de estalo na comitiva do Brahmane lôrpa. Por fim parou do lado da orelha sã do cavallo e teve a inqualificavel malicia e a não menor audacia, de testemunhar um transporte de alegria.

« Já descobri a causa do maleficio, é a orelha ausente, que tem ciumes da orelha presente. Cortemos esta, enterremo-la, e acaba o maleficio ».

Pegou numa faca, mandou prender o pobre do animal, e fez a operação com o maior sangue-frio, como homem desalmado que era. Correndo em seguida a toda a força das suas pernas, foi a boa distancia fazer uma cova e enterrou ahi para sempre a prova do seu crime.

Infeliz Gourou! Teve de curar o seu rocinante, deixá-lo descansar e no dia seguinte, para se consolar, disse que ao menos o animal era similhante dos dois lados. Depois, decidiu voltar para sua casa, afim de evitar novas questões. Os discipulos responderam que elle tinha sempre razão e que o cavallo assim tinha uma harmonia de que estava desprovido quando mostrava uma só orelha. Confessaram egualmente que, após tantas commoções, sentiam necessidade de repousar.

VI.

A predição do Brahmane astrologo.

De regresso ao Convento, Paramartagourou não achou a paz d'outros tempos. O bucephalo viera aguar a sua felicidade. Quantas penas soffrera desde que houve a ideia de o fazer viajar escarranchado em cima d'um animal! O ovo da egua ficou caro, e os seus discipulos tinham voltado prostrados de cansaço, depois de em vão terem corrido atraz do pequeno quadrupede que elles julgavam fosse um pôldro. O boi e o seu dono tinham-lhe tambem sido funestos: pois não teve elle de se sujeitar ás peripecias d'um processo, por ter dormido á sombra do animal? E no fim de tudo, o cavallo de pedra, cuja sombra elles tinham querido pescar á linha, fizera-os passar, a elles, pessoas tão respeitaveis, por um bando de malucos sem experiencia. Mas isso tudo era apenas o preludio dos males graves que lhe devia trazer o seu corsel. Como fôram imprudentes em pedi-lo

aos deuses! os deuses attenderam a sua pretenção e assim, em vez de entrar livremente naquella terra, tiveram de pagar por via do cavallo. Ainda não era tudo; este animal mal educado fôra passeiar pela aldeia, onde a sua entrada ficou tão cara. O pobre Gourou teve de puchar novamente pela sua bolsa, e de arruinar-se outra vez para livrar do maleficio o seu animal, a quem por esta vez só cortaram a ultima orelha.

« Se isto continua assim, dizia Paramarta, se este cavallo só me dá tantos desgostos como o resto dos meus discipulos todos juntos, não chego mais a ter descanso. Julgava estar no cumulo da felicidade; mas desde que tenho este bucephalo, quantos contratempos! não ficaria surprehendido, se elle viesse a tornar-me o mais infeliz dos homens ».

Agitado, convocou o seu synhedrio, que bem depressa se congregou em torno do seu doutor.

« Meus filhos, disse elle com ar compungido e triste, já estou adeantado nos annos, mas só hoje é que reconheço a vaidade dos bens do mundo. Este cavallo tem sido a minha luz. Fez-me ver que as alegrias suspiradas são uma sombra, e que a ventura, que se espera, é um engano. Desde que tenho andado a cavallo vejo,

que não ha nesta vida bem nenhum sem mistura de algum mal e que toda a doçura vem acompanhada de algum amargôr. Quando acceitei o cavallo, que agora possuo, nada egualava a minha satisfação; a sua crina parecia-me a corôa que os deuses tinham reservado á minha virtude e aos meus annos. Se a minha natureza folgava considerando que as minhas pernas tropegas se iam baloiçar docemente nos ares, não exultava menos pela fama que d'ahi vinha a meus discipulos. Quão dolorosamente expiei minhas esperanças! julguei que com este cavallo alcançava a felicidade, e elle ao contrario só me traz penas e afflicções. Eu não quero fazer-vos a narração das tribulações por que passei, pois que tambem tomastes parte nellas. Por uma gota de mel, que nos apressamos a lamber com a lingua, quantos haustos de fel é mister saboreiar, quer se queira, quer não! Os sabios tiveram razão, recordando que não ha arroz sem casca, nem fructo que não tenha sua tona e carôço.

« Á noite as minhas desgraças erguem-se deante de mim como espectros. Se quero saber a razão, apparece-me nos ares a cabeça d'esse cavallo que pr'a ahi está; os desgostos que elle me tem causado, parece que são tantos como os cabellos da sua crina. Estou já bem convencido

de que não nasci para andar a cavallo. A minha vida esconde-se no socego; não convem que no fim da minha carreira use de tanta pompa e majestade.

« Estou pois decidido a entregar o cavallo ao seu dono. Agora tem uma orelha a menos, isso é verdade, mas cortando-lh'a, o *Vallouwen* livrou-o de todos os maleficios que ahi estavam amontoados ».

Os discipulos ficaram passados de dôr ao ouvir seu mestre. Era descer muito na opinião dos homens, isto de renunciar a vêr Gourou cavalgar. Exclamaram pois todos á uma:

« Fóra com vãos escrupulos, renunciae ao vosso projecto. Ir a cavallo não é contra a condição do grande Paramarta. A vontade dos nossos deuses é que andeis a cavallo; se assim não fosse, julgaes que vos presenteiavam com um animal excellente como este? Não o comprastes, não o pedistes, pois não? Claro que não; elle cahiu do céu. Restitui-lo era ir contra a vontade dos deuses. Que grande peccado! e quantos ma-

les e desgraças não traria comsigo! As desgraças, que soffremos por causa da vossa cavalgadura, vinham d'um inimigo occulto. Agora que a segunda orelha está cortada, os maleficios evaporaram-se e não ha que receiar ».

Paramarta tinha medo ao cavallo, mas tambem tinha medo aos deuses, e, mais que áquelle e a estes, aos seus discipulos, a quem por coisa nenhuma quereria desgostar. Renunciou por conseguinte ao seu projecto e disse soltando um suspiro:

« Consinto em montar de novo o animal; mas afim de prevenir que o meu quadrupede fuja e se perca, é preciso conservá-lo no recinto do Convento. Se assim o quereis, é preciso alojá-lo numa estrebaria, onde esteja ao abrigo das intemperies do ar, e não me arrisque a novas demandas com os homens ».

Miletchen levanta-se incontinenti:

« Gourou, diz elle, haveis de passar a noite muito socegado; hoje mesmo antes do pôr do sol, ha de o cavallo ter a sua casa ».

Parvajola atou uma corda pela altura dos rins, pegou num machado e numa fouce, e toca a trepar para um gigantesco *atty-mara* (arvore) que se achava á beira da estrada, alli perto. Ergueu os olhos para ver qual era o ramo melhor, e depois assentou-se a cavalleiro.

« Eis-me aqui a cavallo, disse elle, por amor de um cavallo; isto ha de por força dar bom resultado ».

E começou sem mais a cortar, dando uma nova prova da intelligencia dos discipulos de Paramarta.

— Qual foi? — perguntará algum leitor. Quando subimos a uma arvore para cortar alguns ramos, temos sempre o cuidado de nos conservarmos do lado do tronco e de ter deante de nós o ramo que desejamos cortar. Miletchen portou-se como verdadeiro e aproveitado discipulo d'um Brahmane lôrpa. Trepou afoitamente sobre o ramo de sua escolha, o rosto virado para o tronco, e começou a cortar o cano no ponto onde do tronco se separava, preparando assim para a sua pessoa uma magnifica queda.

Adregou passar por alli um Brahmane astrologo, que abriu desmesuradamente os olhos, perguntando a si mesmo se a simplicidade e palermice d'um homem podiam chegar a tal extremo. Não podendo ficar a esse respeito com sombra de duvida, bradou-lhe:

— *Aya,* cautella; ponde-vos do outro lado; não vêdes que cortando o ramo nessa posição, ides dar a terra, com risco de quebrar pela nuca?

Miletchen olhou-o todo encolerisado:

« Propheta da desgraça, exclamou elle, eu corto innocentemente a cavallo, para um cavallo, este ramo que não vos pertence. Cortae lá um á vossa moda, se vos appetece, e deixae-me cá a mim cortar um á minha ».

Ao mesmo tempo atirou-lhe com a fouce que tinha á cinta.

O astrologo esquivou-se ao golpe, dizendo:

« Não se devem fazer beneficios a ninguem contra sua vontade. É um tolo ou um maniaco. Em todo o caso, como a nuca que vae quebrar, é sua, e não minha, só tenho a deixar-lhe a liberdade; lá é com elle ».

Parvajola, triumphante, julgou ter alcançado uma victoria e continuou a cortar o ramo, assentado sempre na mesma posição. Quando o pau estava bastantemente cortado, o seu pêso fê-lo dobrar, depois estalar, e *Parvajola* cahiu rudemente a terra, conforme predissera o astrologo. Os malucos gozam d'uma protecção especial: Miletchen ergueu-se sem sombras de ferida.

« *Ammamma!* (signal de admiração), exclamou elle, aquelle Brahmane é um propheta muito sabio; ha de ser por força um grande genio, pois tudo o que elle disse cumpriu-se á risca. Por seu saber astrologico, conhece evidentemente todos os acontecimentos por vir. Do meu ramo parecia-me um homem ordinario, fiz muito mal em não seguir os seus conselhos, mais ainda em lhe pagar tão brutalmente. Acho que lhe vou pedir desculpa e tentar arrancar-lhe uma nova prophecia ».

Ahi vae *Parvajola* a correr. O Brahmane, vendo-o assim á desfilada, não deixou de ficar seriamente inquieto. « Que me quererá aquelle animal? dizia de si para si; por pouco me não rachava a cabeça com a fouce. Naturalmente deu com os ossos em terra, e agora vem desafogar a sua ira na minha pobre pessoa ».

Muito pelo contrario, *Parvajola* chegou-se humilde e respeitosamente, fazendo um *namascara* (Saudações destinadas aos Brahmanes. Fazem-se juntando as mãos, levando-as á testa, inclinando depois profundamente a cabeça).

« Senhor, diz elle em seguida, permitti que vos fale, exprimindo minha dôr e meus pesares. Vós sois um sabio, um homem de largas vistas. Vossos olhos mergulham no futuro. Verdadeiro

propheta, vós conhecestes, sem duvida, pelos astros, que este ramo me arrastaria na sua queda. Desprezei vossos conselhos, e fiz mal, muito mal. De hoje por deante, depois de prova tão peremptoria como a minha, porque eu resinto-me d'ella, senhor, posto não tenha soffrido nada (e ao dizer isto, apalpava os sitios mais ou menos amachucados com a queda), sim, senhor, depois d'esta lição, acreditarei em tudo o que vós disserdes. Com vossa sciencia já deveis ter conseguido notar que eu pertenço á escola do Brahmane lôrpa.

— Vendo-vos sobre o ramo, interrompeu o astrologo, pude logo apreciar a vossa condição.

— Ah! senhor, que clarividencia! — continuou *Parvajola*. O Brahmane meu mestre é já de uma certa edade; fizemo-lo andar a cavallo para lhe poupar as pernas, e elle não gosta. Sereis capaz de me dizer quanto tempo elle ainda durará? Seria uma maneira de acabar com a nossa inquietação e cuidados. Então iriamos em paz, elle a cavallo, nós a pé, e quando chegasse a hora, ficariamos por egual tranquillos, pois que nada póde impedir o effeito das vossas palavras e o cumprimento das vossas predições. Eu tive bella occasião de o verificar, eu, a quem

vós annunciastes com tanta precisão que cahiria com o ramo.

Custar-vos-hia muito agora predizer a duração da vida e a hora da morte do meu velho Gourou? ».

O astrologo não tinha previsto a questão. Tentou desviá-la, sem lesar a fama que acabava de ganhar tão barato e com tão pouco custo. Mas *Parvajola* que não se rendera ás suas advertencias, quando foi do ramo, tambem não cedeu neste ponto, da nova prophecia. Para se tirar de embaraços, o Brahmane fitou o Céu, a terra, revirou os olhos, e assumindo um tom grave e solemne, proferiu este oraculo:

« Escutae bem, discipulo do Brahmane imbecil, eu vou satisfazer-vos:

« O frio nos rins é signal de morte. Quando o Gourou os tenha frios, preparae-lhe a cova ».

Parvajola, de braços pendentes e bocca escancarada, ficou um instante estupefacto, assombrado.

Pediu a benção do propheta, e fez-lhe o mais respeitoso *namascara;* depois regressou ao Convento, repetindo como certos meninos a formula que receiava esquecer.

Sempre caminhando, pegou no ramo da arvore, com um certo respeito, pois era a causa indirecta da prophecia.

« O frio nos rins é um signal de morte, murmurava elle.

« Sim, é mesmo isso, o frio nos rins é um signal de morte ».

Ao chegar, achou os seus companheiros occupados na construcção da cavallariça. Deixou-lhes o ramo da arvore, e foi ter com Gourou, dizendo sempre:

« O frio nos rins é um signal de morte ».

Dizia-o ainda quando chegou ao pé do seu mestre, que forcejava por comprehender as palavras repetidas incessantemente pelo seu *Parvajola.*

Paramarta convidou-o a explicar-se. E Miletchen obedeceu, contando primeiro a predição do Brahmane astrologo quanto á sua queda, predição tão exactamente realisada. Confessou em seguida que, cheio de confiança, o tinha interrogado para que lhe dissesse com precisão o dia e a hora da morte do grande Gourou Paramarta.

« A questão foi resolvida sêm delongas por aquelle homem tão intelligente; vós morrereis, e o frio nos rins é um signal de morte. D'aqui em deante havemos de examinar com cuidado esta parte do vosso corpo e saberemos d'uma maneira positiva ao que podemos atêr-nos. Evitaremos dar-vos incommodo e trabalhos, emquanto a acharmos quente, e quando a virmos fria, então perderemos toda a esperança ».

Paramarta tinha escutado com interesse e espanto. Seus discipulos intrigados tinham vindo tomar parte na narração de *Parvajola*.

Paramarta disse então para todos:

« Não se póde negar a sciencia d'este astrologo, pois predisse d'uma maneira terminante a queda de *Parvajola*. Commetteriamos um crime, se puzessemos em duvida o seu oraculo a respeito da minha morte.

« Em ponto tão importante seria desastrado estar com hesitações e com caixas encoiradas, deve-se ter em conta aquella sentença. Ponhamo-la já por escripto e cada um de nós guardará um exemplar, e deixaremos tambem um no nosso Convento ».

Todos pegaram em sua folha d'*ollet* e repetiram em côro: « O frio nos rins é um signal de morte ».

Paramarta concluiu, dizendo:

« Que bella sentença! Acho-lhe um certo sabor de elegancia e expressão, que me encanta.

« Agora esperemos em paz e com resignação que a prophecia se cumpra. Não ha duvida que usarei todas as precauções para impedir que o frio se apodere dos meus rins. E por isso, como dos rins a meus pés ha carne sem interrupção, nunca mais torno a lavar os pés. Bem sei que me vae custar, mas a vida é dom dos deuses, é preciso não abusar d'ella. E demais a mais, como eu não havia de ficar envergonhado, se depois do meu fallecimento viesseis censurar-me por ter apressado a hora da minha morte! Em se tomando as devidas cautelas, que o oraculo se cumpra no tempo determinado pelas divindades ».

VII.

Paramarta cáe do cavallo.

O CARACTER nimiamente credulo de Gourou fez-lhe então usar meticuloso cuidado com os seus rins, que assim passaram a ser a parte mais importante do seu todo. De manhã, ao accordar, o seu primeiro pensamento era levar alli a mão, exclamando: Discipulos, alegremo-nos, os rins estão quentes, ainda não é para já a nossa separação ».

Á noite envolvia-os cuidadosamente para que o ar não viesse resfriá-los. Até nos seus sonhos o ouviram exclamar: « O frio nos rins é um signal de morte ».

Entretanto, foi obrigado a emprehender uma viagem d'alguns dias. A sua comitiva foi, cheia de prosapia e brio, buscar o corsel sem orelhas, que o Brahmane fitou suspirando.

« Sobre um cavallo, pergunta elle, abanados

pelo seu trote, ou mesmo pelo seu galope, os rins conservam-se quentes ou frios? ».

Os discipulos asseguraram que era um exercicio excellente para a circulação do sangue, e que fomentaria até um propicio calor. De tal certificado, o mestre lôrpa escarrapachou-se no animal. Nem elle nem os camaradas sabiam o caminho; perderam-se, e como o *Dêdo mendinho,* de que resam as historias, fartaram-se de espalhar objectos, com menos intelligencia, porém, que aquelle heroe da lenda. Ora escutae:

Vendo que se transviavam cada vez mais, decidiram regressar ao Convento. E regressaram humilhados e muito tristes por não ser capazes de reconhecer o caminho. O atalho por que tomaram era muito concorrido de gente, e Gourou teve de passar perto d'uma arvore corpulenta cujos ramos quasi tocavam o sólo. O cortejo não teve a agilidade indispensavel para evitar aquelle encontro. Paramarta abaixou bruscamente a cabeça para que os ramos não lhe dessem em plena cara, mas o turbante ficou-lhe prêso num ramo. Mais feliz do que Absalão, Gourou deixou a sua cabelleira e proseguiu viagem. Em sua sabedoria julgou que os discipulos pegariam no turbante, e por isso nem parou. Como porém não deu nenhuma ordem, os disci-

pulos seguiram-o em silencio, sem se importar com a perda. Sentindo o seu pobre craneo ao léo, Paramarta inquietou-se por fim e disse:

« Dae-me o turbante:

— O vosso turbante! — repetiram em côro os cinco discipulos. Mas elle ficou naquelle sitio, onde cahiu. Vós não dissestes que o apanhassemos, e bem conheceis a nossa submissão. Obedecemos a todas as vossas ordens, mas não fazemos nada que não nos tenhaes mandado ».

Os nervos de Paramarta prophetisavam um momento solemne. Porventura pela primeira vez, ralhou severamente, e com voz commovida declarou aos seus que lhes ordenava que de alli por deante apanhassem *tudo o que cahisse do cavallo.*

Bocca-aberta escancarou aquellas fauces de elephante para apreciar melhor o valor da censura; depois, pegando em si, voltou atraz e a toda a brida foi buscar o turbante, apanhando bem depressa o Brahmane e seus confrades.

Não sei se na Bretanha ainda contam um caso que se deu com os Normandos. Foi em Falaise. Diz-se que os seus vereadores publicaram certa occasião, que os *bons burguezes* de Falaise deviam sahir com uma lanterna, para evitar os roubos nocturnos. A gente de Falaise era na obediencia

emula dos discipulos de Paramarta. No dia seguinte á noite os *bons burguezes* circulavam de lanterna na mão, mas sem vela. As auctoridades explicaram-se: os *bons burguezes* deviam ter uma lanterna com uma vela dentro. Affeitos a praticar a obediencia á letra, suas ex.cias os habitantes de Falaise appareceram á boquinha da noite de lanterna e vela na mão, mas luz é que não apparecia nenhuma.

É o caso de se dizer que *ás três tem vez.* Puzeram os pontos nos *ii:* os *bons burguezes* de Falaise deviam ter uma lanterna com sua vela, e esta accêsa. Sempre obedientissimos, os valentes Normandos cumpriram o que se lhes mandava, e d'alli por deante as ruas da bella Falaise eram de noite alegradas por fileiras de burguezes segurando na mão lanternas bem limpinhas e... accêsas.

Bocca-aberta era assim obediente. Ainda tinha na mão o turbante de Gourou, quando o cavallo, a quem elles deram erva fresca em grande abundancia, foi de repente atacado de uma especie de dysenteria.

Pedeyi repetiu com quanta força tinha: « D'aqui por deante apanhareis tudo o que cahir do cavallo », e avançando logo o turbante, recebeu no fundo destinado á cabeça de Paramarta o

escremento do bucephalo. A sua cegueira foi tão longe, que se poz a gritar a plenos pulmões:

« Gourou, parae, olhae o que acaba de cahir do cavallo. D'esta feita obedeço-vos e, consoante vossas ordens, trago-vos tudo com vosso turbante ». Paramarta voltou a cabeça e ainda sob a influencia de um grande nervoso, fez resoar um « *Tchy, Tchy* » formidavel (grito de desgosto e raiva dos indios) que não deixava nenhuma duvida sobre os seus sentimentos.

« Cabeça sem espirito, exclamava elle, que deitaste tu alli? Como interpretaes vós as coisas? Deitae fóra esse estrume e correi a purificar o meu turbante ».

Os discipulos ficaram pasmados. O nervoso, como o leitor vê, é uma coisa que se ganha. E quando os nervos nos fazem resmungar e commetter disputerios, por nosso turno fazemos amofinar os outros. Já ouvi dizer que os accésos de nervoso são coisa de moda; mas se o leitor quer um conselho, o melhor é tratá-los á moda do Missionario. Quando os nervos querem falar, ponde-os em seu logar; quando querem ser senhores, fazei-lhes comprehender que são simplesmente escravos, e mais nada; depois de algumas boas lições, vereis doceis e mansinhos aquelles que promettiam levar tudo de vencida.

Paramartagourou não obrou com tal prudencia e veremos já que isso lhe sahiu caro. Os discipulos estranharam aquelle agastamento e responderam com um tal ou qual mau humor.

« Porque estaes tão intratavel hoje? Por mais que façamos, nunca conseguimos agradar-vos. Ha um bocado ficastes zangado porque, não tendo recebido ordem de apanhar o vosso turbante, o deixamos no chão, e agora ralhaes porque fizemos o que nos mandastes. Não dissestes vós literalmente que deviamos apanhar tudo o que cahisse do cavallo?

— Mas, replicou Gourou, ha uns objectos que merecem ser apanhados, e outros que se devem deixar no chão. O turbante do vosso mestre deve-vos merecer desvelos e cuidados, o esterco do cavallo só vos deve merecer desprezo.

— Perdoae, disseram os discipulos com mais humildade, vós sois muito intelligente e fazeis esse raciocinio, mas nós não podemos contentar-nos assim com um decreto tão geral e indeterminado. Para evitar affrontas que são desagradaveis e para nos livrar da vossa ira, fazei-nos portanto uma lista dos objectos que devem ser apanhados; promettemos todos não os deixar perder e ao menos poderemos em paz deixar tudo o mais á terra ».

O Gourou achou que seus discipulos eram umas aguias de saber; mandou que lhe dessem uma folha *d'ollet*, enterrou o ponteiro, e alinhavou a lista de todos os objectos que lá na sua lhe pareceu bom conservar. Parou quando não achou mais nada, e coçou sua velha nuca para ver se ainda sahia de lá alguma coisa; finalmente concluiu que chegava e recommendou ao seu collegio que observasse o catalogo, não esquecendo nada, e nada mettendo a mais. Os discipulos pediram respeitosamente aquella obra prima de seu mestre, e a caravana proseguiu em paz.

Mas ai! tiveram de atravessar uma pequena cova cheia de lama. Para um bucephalo vulgar era difficuldade de pequena monta, mas para o rocinante sem orelhas e seu velho cavalleiro, era coisa peior que todos os obstaculos dos cavalleiros modernos.

Ao primeiro passo que o animal deu no lôdo, ficou-lhe a perna enterrada; inclinou d'um lado, e Gourou cahiu para o outro. O cavallo bem se debatia, mas o pobre do Paramarta ficou estatelado sobre aquella cama pouco convidativa, sem forças para se erguer, por via da sua avançada edade.

Os discipulos, que não deixavam passar em vão nenhum disparate ou tolice que se désse,

como já tivemos occasião de verificar, julgaram que Paramarta se achasse muito bem naquelle tapete... de lama, pois se conservava muito tranquillo: o bucephalo que se movia, ora d'aqui, ora d'alli, é que lhes parecia estivesse em grande afflicção. Foi pois para este que correram a toda a pressa, e graças a tal ajuda o famoso cavallo sem orelhas chegou á outra banda da poça.

O Brahamane perdeu a paciencia, vendo que o dei-

xavam por tanto tempo no lodaçal, e clamou em altos gritos por soccorro. Os discipulos chegaram-se a elle com grande respeito e com uma vene-

ração como nunca haviam revelado; mas, em vez de lhe estender mãos salvadoras, exclamaram todos juntos:

« Eis-nos aqui, eis-nos aqui! Mais fieis que nunca á vossa obediencia; nós temos a lista e imos ver quaes os objectos que haveis marcado ».

O *Idiota* pegou do *ollet* e proclamou:

« Se o meu turbante cahir, é preciso apanhá-lo.

— *Amma souami,* sim, senhor », disseram em côro os discipulos; e todos juntos descobriram a cabeça de Paramarta, deixando-a exposta ao sol e ao ar.

A leitura continuou:

« Se a minha faxa cahir, deveis apanhá-la.

— *Nelladou,* muito bem », e despiram o inditoso Paramarta, abanando mais ou menos com elle para lhe tirar a roupa.

Parvajola proseguiu:

« Se o *sarvey* (especie de mantilha) com que me cobris os hombros, cahir, deveis apanhá-la.

— *Sicram, sicram!* (Depressa depressa) », continuaram os adeptos do Brahmane lôrpa, arrancando-lhe seu precioso vestido.

Numa palavra, percorreram a lista toda e despojaram-o tanto e tão bem, que ficou coberto de

lama e era o seu unico vestido. Acabada esta bella operação, viraram o *ollet* em todos os sentidos, e como vissem que não tinha mais nada, exclamaram em unisono:

« O mestre disse bem claro que nos regulassemos pelo seu catalogo, que nada omittissemos e nada accrescentassemos ».

E nisto fizeram a Paramarta a sua mais delicada venia, e puzeram-se em acto de proseguir viagem.

O desgraçado Gourou chamou-os e disse-lhes que o ajudassem a sahir do atoleiro, em que cada vez se ia enterrando mais.

« Não, não, respondeu-lhe a sua famosa companhia, é impossivel, seria contra as vossas determinações. Escutae bem:

« Se o meu turbante cahir, deveis apanhá-lo, etc.

« Bem vêdes, conformamo-nos com a lista, vós dissestes: Segui em tudo o meu catalogo, não esqueçaes nada e nada accrescenteis; obedecemos-vos ainda que não queiraes, e apesar do que possaes dizer ».

Paramarta bem se valeu das supplicas e das ameaças, mas os adeptos permaneceram em sua obstinação.

« Lêde a lista, diziam elles sem treguas; se vós tambem quizesseis ser erguido, era preciso

escrever: « Se eu, Paramarta, cahir do cavallo, deveis levantar-me ». Já nos ralhastes hoje duas vezes, juntavam elles, e não era justo; uma vez por via do turbante, quando ainda nos não tinheis dito que este não devia ficar no chão,e outra vez, porque tendo recebido de vós a ordem de apanhar tudo, vos temos trazido a bosta do vosso cavallo. Quereis talvez que nos exponhamos a ser reprehendidos terceira vez e por culpa vossa, pois mandastes que nos orientassemos pela lista e que não fizessemos coisa alguma a mais? ! ».

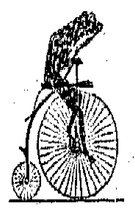
Uma ideia luminosa perpassou pelo espirito do pobre Gourou atascado em lôdo. Arranjou a que lhe dessem o pergaminho, o ponteiro, e lá como pôde, escreveu: « Se o Brahmane Paramarta, vosso mestre, chegar a cahir, não deixareis de o levantar ».

Os discipulos tinham sempre admirado a valer o seu Gourou; mas d'esta vez o seu enthusiasmo foi sem limites, soltaram um *ayo* formidavel, e puzeram-se a lêr todos juntos: « Se o Brahmane Paramarta, vosso mestre, chegar a cahir, não deixareis de o levantar ».

Dez braços agarraram ao mesmo tempo o pato; não sem custo, o lameiro foi atravessado num apice, e os discipulos, vendo o Brahmane lôrpa todo coberto de uma camada de lama, conduzi-

ram-o á ribeira vizinha, onde o lavaram a preceito, bem como á sua roupa. Fizeram mais, vestiram-lhe esta toda molhada.

Assim vestido e fresquinho, Paramarta foi guindado á sua sella. Chegaram ao Convento muito estropiados e mortos de cansaço, e o Gourou esse então vinha seriamente doente por via da queda e sobretudo da corrida com a roupa a escorrer agua.



VIII.

Lôrpa na morte como na vida.

QUE pena que os meus dedos se tenham tornado tremulos! Se isso não fôra, que bello retrato vos faria agora de Paramarta!.....

O heroe que fez os dias felizes da minha infancia, sobretudo quando via escripto de duas em duas paginas ou pouco mais, « Monsieur la Jaunisse change de chemise » (1), ficaria a perder de vista em confronto com os Paramarta, com os Miletchen, e Medeynes que se me apresentam á imaginação.

Na sua derradeira aventura, o meu Gourou não teve de mudar de camisa, porque era coisa que não tinha, mas, como já disse, lavaram-o a elle e á sua roupa, mas bem lavados. A commoção era tal neste ponto, que todos elles se esquece-

(1) *S. Ex.cia a Ictericia muda de camisa* ».

ram da famosa prophecia, que até alli estivera sempre presente ao espirito de Paramarta: « O frio nos rins é um signal de morte ».

Mas quando o desventurado, que acabava de ser sujeitado ao mais duro tratamento hydrotherapico, deu algumas passadas sobre aquelle cavallo, causa de todas as suas desgraças, recordou-se da sentença que lhe dizia respeito e começou a repetir entre dentes: « O frio nos rins »....

Sem poder concluir, soltou um profundo suspiro, apalpou o lado esquerdo e o direito, a ver se achava os seus rins cobertos de pannos molhados de fresco. Este contacto humido pareceu demasiado frio á sua mão descarnada que se tostava sem obstaculo ao sol.

« E' um signal de morte », disse comsigo, e d'esta feita sem coragem para descerrar os labios.

Por amor aos seus discipulos, dissimulou a sua dôr e soffrimento; mas, entrando em casa, deitou-se muito cedo.

Aquelle dia moera-o em extremo, e precisava de dormir bem coberto e de transpirar um pouco; infelizmente, afigurava-se-lhe vêr milhões de diabinhos quo gritavam a todos os cantos do quarto: « O frio nos rins é um signal de morte ».

Mal começava a adormecer e a aquecer, sentava-se precipitadamente na cama, e entrava

de novo a apalpar-se, impedindo assim que o seu pobre e alquebrado corpo fizesse a reacção indispensavel.

Assim passou a noite.

Apenas amanheceu, como não fosse homem de

resistir por mais tempo, convoca o seu capitulo e de olhos esgazeiados, numa voz sumida, diz:

« Meus amigos, estou morto ».

Seus labios estavam lividos, a bocca secca, a respiração offegante.

Abatidos, consternados, cheios de terror, os seus companheiros fitaram-se longo espaço sem dizer palavra.

Foi o pobre Paramarta que teve de quebrar o silencio:

« Filhos, diz elle, chegou a hora, preparae depressa tudo o que é necessario para o meu enterro... não percaes tempo, os instantes da minha vida estão contados. Sei-o, sinto-o ».

Os discipulos não percebiam nada. Os olhos a nadar em lagrimas, responderam em côro:

« Que desgraça vos transformou até este ponto? Passastes mal a noite?

— Ah! respondeu Gourou, vós ainda sois novos, e pudestes por isso esquecer a prophecia do astrologo; mas eu, que depois de ouvir o oraculo me julguei em consciencia obrigado a despertar-me incessantemente, eu recordei-me d'ella, apenas me guindastes para cima do maldito cavallo. Não tinha elle decretado que o frio nos rins é um signal de morte? A lama em que tinha sido precipitado, já tinha abaixado alguns graus

a temperatura d'esta parte preciosa; e depois aquella agua, aquella agua fria, com que vós lavastes a minha roupa, não tinha sido aquecida pelo ardor de vossos corações, e por isso ainda baixou mais o calor do meu corpo. Ao principio nem nisso pensei. Em extremo preoccupado, escapou-me a fatal predição, e esqueci as precauções que promettera usar, e foi a cavallo que, tocando a faxa que me envolvia, a minha mão quente estremeceu ao contacto humido da minha roupa molhada ».

Infeliz Paramarta! dizia cobras e lagartos d'aquelle tratamento hydrotherapico, quando pudera muito bem operar pela agua fria a reacção. Coitado! a sua sciencia não chegava a tanto, e por isso continuou a dar as suas explicações numa voz dolorosa e commovida:

« Estive tão sósinho esta noite! As palavras, as famosas palavras dançavam no meu cerebro, julgava ouvi-las de todos os lados. Sem injuria para os deuses, não podemos duvidar do oraculo; elle diz que devo morrer, devo cumprir a predição. Vae nisso a minha honra. Quero que partilheis esta minha crença e por conseguinte apressae-vos a tratar dos meus funeraes ».

Paramarta percebia tanto de hydrotherapia como de electricidade, e comtudo as enormidades que nasciam em sua cabeça ôcca, iam repercutir-se logo logo nos cerebros não menos doentes dos seus discipulos.

D'esta vez foi como das outras, e responderam todos em côro:

« A prophecia o disse, deve morrer, a sua virtude deve levar até esse ponto o respeito dos deuses ».

Todavia forcejaram por fazer conceber alguma esperança a Paramarta. Mas ai! a sua imaginação estava de tal modo convencida, que não puderam mudar de parecer, nem dissuadir o seu mestre.

Gourou peiorava.

Medeyne foi procurar um homem da cidade chamado *Asangadan*.

O pae de Asangadan não tinha sido menos brincalhão e gracejador do que elle, e até lhe puzeram por nome *Jovial*. Por seu caracter era muito estimado e isso mereceu-lhe ser nomeado chefe d'aquelle povo. Tinha sido amigo de Paramarta e seu filho herdara d'elle a influencia sobre o Brahmane lôrpa.

Contaram-lhe em duas palavras a aventura e Bouffon, encolhendo ligeiramente os hombros, entrou em casa do velho cuja loucura ao principio pareceu partilhar.

« Que cruel doença, exclamou, que dôr vos acabrunha? d'onde vos vem um abatimento tamanho? Vós, cuja cabeça é um modelo á parte, vós que gozareis para sempre de uma certa celebridade, dizei-me o que tendes, e se eu vos posso alliviar? ».

E emquanto assim falava, passava-lhe pelos olhos, pelo nariz, pela bocca, com uma toalha, tirando-lhe de mansinho a barba. Paramarta porém não sentia nada. Os seus sentidos desvairados apenas lhe deixavam força para repetir numa voz entrecortada de soluços: « O frio nos rins é um signal de morte ».

Está doido, pensou Asangadan, mas d'uma loucura gigantesca. Só se poderá curar fazendo uma loucura ainda maior. Ora experimentemos. E tomando um ar importante:

« Gourou, disse elle, eu concordo em que a predição do astrologo é digna de todo o vosso acatamento, e um homem como vós não deve furtar-se aos designios dos deuses; mas não se poderá transferir o cumprimento da prophecia, fazer passar o resultado do oraculo para aquelle que o pronunciou? numa palavra, mandar-lhe a morte, o mal que elle vos predisse a vós? mostrem-me o propheta, para que eu possa fazer o sacrificio do pilão e livrar-vos assim ».

O seu ar serio encheu o Brahmane de admiração e pondo de parte por um pouco o seu aspecto carrancudo e queixumento, disse com uma certa esperança:

« Tu falas do sacrificio do pilão, como de um meio para impedir o cumprimento da terrivel prophecia: então posso satisfazer aos nossos deuses e ficar ainda com vida? Que sacrificio é esse? Nunca ouvi falar nelle ».

Bouffon que era tão fino como o Gourou era tapado, percebeu logo que começava a exercer sua influencia sobre o chefe dos lôrpas.

« Senhor Gourou, disse elle redobrando de etiqueta, não é para surprehender que um homem do vosso jaez ignore muitas coisas e que, cercado de discipulos vossos imitadores, não tenhaes conhecimento do sacrificio do pilão. Demais a mais, para o fazer, é necessario que se deem certas circumstancias interiores e exteriores. Mas já se tem feito, e agora póde renovar-se. Prestae-me muita attenção, e já ficareis convencido.

« Um *cetty* (negociante) reconhecia *Seven* por sua divindade protectora. Distribuia largas esmolas aos *pandarans* (penitentes mendicantes consagrados a esta divindade); sempre que os encontrava, convidava-os a entrar em sua casa, e ahi dava-lhes dinheiro e de comer.

« Este generoso *cetty* não tinha filhos, mas em virtude das suas muitas boas obras, esperava alcançar de *Seven* a graça de não morrer sem posteridade.

« Sua mulher precisava d'uma confiança maior que a d'elle, porque era ella que cozinhava para este chuveiro de hospedes, e que os servia á meza. Chegaram porém os hospedes a ser tantos, que ella enfastiou-se, e como sabia que o marido era telhudo e tapado, não disse nada, pois suas queixas e censuras não lograriam effeito. Começou a murmurar muito pela calada e depois, não podendo supportar por mais tempo similhante patifaria, lembrou-se de que, se a mulher não tem a força á sua disposição, resta-lhe a manha, e sempre arranja um estratagema para se livrar das occasiões.

« Ora certo dia o homem foi para o mercado: e alli um *pandaram*, que conhecia os seus costumes, pediu-lhe esmola com um humildade affectada.

« Muito bem, lhe disse o negociante que achava facil exercer uma hospitalidade que só era penosa para a sua companheira, muito bem, ide a minha casa: dizei a minha mulher que ides da minha parte, e esperae que eu regresse.

« O penitente agradeceu e bem depressa se achou á porta do *cetty*.

« D'esta vez, como tivesse a sua fisgada, a mulher do negociante acolheu o penitente de sorriso nos labios e disse com amabilidade:

« Muito folgo com a vossa visita, assentae-vos no estrado; não quero que esses membros sagrados se vão sujar na nua terra »; e ao mesmo tempo desdobrou uma bonita esteira, onde o *pandaram* se assentou com garbo como um rei em seu throno.

« Em seguida a mulher começou a varrer a casa, e espalhou o *sâni*. Isto feito, lava a cara, os braços, as pernas, unta-se com pó de açafrão e faz desenhos na cara com pó de sandalo ».

Esquisita *toilette!* — dirá o leitor. Pois sim; é possivel que no paiz do leitor ainda não se tenham introduzido usanças tão singulares; mas o certo é que a mulher acabou por se armar como um andor, e, mal se viu prompta, pegou no pilão do almofariz onde pisava o arroz, e solemne, respeitosamente, foi pô-lo de pé, mesmo em frente do *pandaram*.

« Depois, balbuciando algumas orações, foi ao lume buscar duas mancheias de cinza de bosta de vacca, esfregou com ella a testa, e em seguida o pilão, que de negro passou a branco, ou

pelo menos a esverdeiado. Então afastando-se um bocado, adorou-o, prostrando-se três vezes deante d'elle. Logo depois, de mãos postas e ar compungido e devoto, chegou-se ao famoso pilão e recitou-lhe mais algumas orações.

« Concluida a ceremonia, esfregou o idolo com um novo ingrediente para lhe tirar a cinza e poz o pilão no seu sitio.

« O *pandaram* que, como todos os da sua especie, não tinha nada que fazer, a não ser o *trabalho* de olhar para o que se passava na sua presença, seguira aquella ceremonia com interesse e muito admirado.

« *Amal*, declarou elle no final da festa, eu julgava estar mestre na arte de adorar os deuses, mas vós fizestes um sacrificio para mim novo. Nunca em tal tinha ouvido falar, palavra de honra. Ora, dizei-me cá, por favor, porque adoraes este pilão? ensinae-me as orações que lhe dizeis e a significação d'esta cinza de que o cobris e com que aspergis a vossa fronte? Ao vêr a vossa veneração e piedade, não posso duvidar do poder d'este utensilio de cozinha: provavelmente é um dos vossos deuses domesticos.

— É um uso particular das mulheres da nossa casta, respondeu a mulher sem pestanejar. Praticamo-lo de vez em quando. Entrae em casa,

ajuntou, baixando a voz d'uma maneira mysteriosa, o sacrificio do pilão ainda está por acabar, agora

ides ver como termina, e estou certa que nunca mais o esquecereis.

« O *pandaram* levanta-se e obedece. A patrôa mudou de tom.

« O sacrificio do pilão ainda não acabou, já disse e torno a dizer, vou acabá-lo nas tuas cos-

tas, para te tirar a ti e aos da tua egualha o desejo de me andar cá sempre a incommodar.

« O penitente cheio de medo, vendo que a amazona era capaz de dar o recado, e de o zurzir bem zurzido, enfiou pela porta e deu ás de Villa-Diogo; corria que nem uma lebre.

« O negociante entrou d'ahi a um bocadinho em casa, e perguntou immediatamente o que era feito do *pandaram* que tinha mandado.

« A mulher, continuando no seu trabalho, encolheu os hombros e disse-lhe:

« Que tolo aquelle! Que penitente tão extravagante! Sabeis que pedido me fez? O do nosso pilão. Como sou muito delicada, e de uma obediencia exemplar ao meu senhor e mestre, disse-lhe com boas maneiras: « Sem licença do meu marido, não vo-lo posso offerecer; elle não tarda a entrar, assentae-vos nesta esteira, e depois fazei-lhe pessoalmente vosso pedido ».

« Vendo que não alcançava logo alli o que tanto desejava, aquelle *patlickaren* (doido), todo raivoso, poz-se ao fresco, sem querer escutar razões.

— Ó mulher, interrompeu o mercador com um ar sentencioso, não sabes que nunca se deve dizer não a um *pandaram?* Pelo menos é assim que

elles ensinam: dá cá depressa o pilão, vou eu mesmo offerecer-lh'o e ha de ficar socegado ».

« Informa-se do caminho tomado pelo penitente, pega no pilão e por seu turno desata a correr

« O *pandaram*, julgando-se livre de perigo, caminhava muito de seu vagar.

« O negociante, apenas o viu, começou a gritar: « Parae, parae, que levo aqui o pilão de que precisaes ».

« O *pandaram*, bem longe de comprehender o caritativo designio, julgou que elle ia em seu seguimento para consummar o sacrificio começado pela sua mulher, e que o insultava gritando-lhe que precisava d'aquelle castigo. Abalou pois tambem em corrida desenfreiada. O negociante, como o viu fugir em vez de acceitar o pilão que julgava objecto dos seus desejos e suspiros, acabou por se capacitar de que elle era realmente tolo, como lhe garantira sua mulher. Além d'isso, como era barrigudo e gordo, cansou e teve de pôr ponto em sua correria.

« O penitente contou aos seus irmãos que o vento tinha feito diabruras sem conta na casa do mercador, e que elle e sua mulher apenas tinham um desejo, o de consummar o sacrificio do pilão nas costellas de todos os da sua grei. A mulher do mercador conseguira o que desejava ».

Bouffon conseguiu egualmente o que desejava, quando, ao concluir sua historia, accrescentou esta conclusão: « Gourou, o propheta que vos poz em tal estado, tambem tem o direito de travar conhecimento com o sobredito sacrificio. Eu encarrego-me d'isso, e farei cahir sobre elle a nefasta predição com que vos ameaçou ».

A attitude do narrador, entre seria e chocarreira, era tal, que Paramarta não teve mão em si, que não se risse e recobrasse a alegria.

« O teu nome está bem posto, disse elle; as tuas historias fariam rir um morto e, a falar a verdade, eu parece-me que ainda o não estou ».

Asangadam, vendo que ganhava terreno, assumiu uma attitude mais seria afim de infligir um derradeiro golpe ao estado nervoso do velho Brahmane.

« Estou cá a pensar, disse elle coçando a cabeça, que sem o sacrificio do pilão não seriamos capazes de nos tirar da difficuldade. Não nos disse o propheta que o frio nos rins é um signal de morte? Eu estou em abraçar a sua ideia ».

A figura de Paramarta empallideceu.

« Distingamos, distingamos, apressou-se a accrescentar o oraculo; é preciso saber que ha dois generos de frio, um que procede do exterior e

outro que procede do interior: é a este que se refere a prophecia. Quanto ao outro, não é perigoso, e é aquelle de que vós soffreis, não tendo pois nada a temer. O frio em questão não é a propriedade de vossos rins, mas a da lama em que estivestes estatelado, da agua com que fostes aspergido. Este frio assentou sobre vossos preciosos rins, mas não lhes é proprio.

« Accendamos lume, expulsemos a melancholia, tiremos este frio, fructo da lama e da agua, dos vossos rins, que não precisam d'elle para nada. Em seguida ponde vossos veneraveis rins em communicação com o sol, e tudo acabará bem. Sómente, para o futuro fugi sempre da lama e da agua, porque se, sem haver causa, e por si mesmos, os rins chegarem a esfriar, então é chegada a hora do cumprimento da prophecia. Até então, qualquer apprehensão passa de um sonho ».

Como era de presumir, Paramarta e seus discipulos, tão faceis de convencer, mudaram logo de parecer e depuzeram sem mais todo o receio. Todos, com Gourou á testa, cobraram alento nas palavras de Bouffon e como o mestre só tinha doença na mioleira e um bocado de cansamento, uma boa refeição e o calor puzeram-o logo em bom estado.

Com gente d'esta, seria um nunca acabar de historias.

Uma noite — oh! desventura! — o nosso heroe adormeceu, e sobreveiu uma trovoada.

Debaixo dos ardores do nosso bello sol das Indias, a madeira estala e os nossos telhados são muito bons para os partidarios dos *douches*. Paramarta que dormia durante o chuveiro, tomou um sem o pagar. A esteira e elle ficaram inundados, mas dormia tão bem, que só deu conta ao accordar.

Abrindo os olhos, viu que a cama e a roupa estavam humidas e como não ouvira a chuva, conjecturou logo que a humidade que sentia, não vinha de fóra. Derramou copiosas lagrimas e exclamou: « Pobre de mim! que se chega a minha ultima hora! Não vejo nenhuma causa exterior. Não cahi na lama, não me lavaram com agua fria, não me sinto frio, mas devo está-lo, porque fôram os meus rins que communicaram á esteira esta humidade fria, que me gela de susto. Chegou a hora, vae cumprir-se a predição, o proprio Bouffon confirmou-a pela sua explicação ».

Em vista d'isso, Gourou chamou por seus discipulos: estes ultimos, sempre admiradores das extravagancias ideiadas pelo cerebro do seu mestre, apressaram-se logo a partilhá-las. Nenhum d'elles teve a ideia de o socegar, notando que o frio vinha de fóra, e era devido á chuva cahida durante a noite.

O azar quiz que Asangadam se achasse ausente naquella hora terrivel, e os restantes habitantes do sitio eram mais ou menos discipulos do Brahmane lôrpa. Não restava pois senão um recurso, assistir á morte estupida d'aquelle mestre lôrpa.

Elle começou por recusar toda a comida, pois estava demasiado doente e debilitado para se expôr a uma indigestão. Sobrevem a fraqueza, vieram as noites de insomnia.

Deve o querido leitor saber, que eu tenho conhecido mais d'um e mais d'uma, que não têm feito melhor do que Paramartagourou..

A inanição trouxe uma syncope a este prototypo de imaginação desequilibrada. Seus discipulos apressaram-se a declará-lo morto, começaram por cantar seu trespasse com acompanhamento de lagrimas, depois lavaram-o, antes de queimar o que elles julgavam fosse um cadaver. Estavam mortos por acabar com a funebre e desoladora ceremonia.

Emquanto lavavam Paramarta, o frio da agua, as fricções, o ar fresquissimo do sitio onde o ex-

puzeram, operaram uma reacção favoravel e dissiparam a syncope. O Gourou lôrpa mostrou que queria viver. Ah! por desgraça elle fazia as contas sem se entender com os discipulos, a quem tal vontade pareceu fóra de tempo. Sim; o mestre tinha annunciado a sua morte, ella estava predita, sua honra e a d'elles exigia que a questão se fechasse e deslindasse sem remissão alguma.

Toca pois a fazer as ultimas lavagens; toca a metter a cabeça do mestre na agua de modo a terminar a brincadeira.

Pobre Paramarta, os seus rins não esfriaram senão depois do golpe, foi a estupidez que os abafou.

Ao levá-lo á sacra pyra, o ar estrugia em dolorosos gritos e soluços. Os discipulos entretanto interrompiam-os para fazer rêsoar a lugubre sentença: « O frio nos rins é um signal de morte ».

Eu vi com meus olhos um d'estes enterros. O defuncto era levado num esquife sustentado por cincoenta hombros. Os que o levam, davam trinta passadas para deante e recuavam dez, para testemunhar que não tinham a coragem de entregar ás chammas os restos mortaes do fallecido.

Agora acabo, caro leitor. Acode-me á lembrança uma triste canção popular:

Il etait un petit navire
Qui n'avait jamais navigué, etc.

Eu, pelo contrario, naveguei muito, e sou bastante bem educado para terminar como a canção e escrever as bellas palavras que a acompanham, e por isso asseguro-vos e digo-vos: « Estae descansados, que se a minha historia vos enfastiou, podeis ficar certos que não vo-la tornarei a contar ».

INDICE

A' GUISA DE PROLOGO . . . . . *Pag.* III

I..... O rio cruel . . . . . » 1

II.... O ovo da egua . . . . . » 20

III... Paramartagourou monta um boi . . » 44

IV... Pescando um cavallo . . . . . » 59

V.... Paramarta a cavallo . . . . . » 74

VI... A predição do Brahmane astrologo . . » 85

VII.. Paramartagourou cáe do cavallo. . . » 98

VIII. Lôrpa na morte como na vida . . . » 110